

VALDINO BUSSE

A PRÁXIS PASTORAL ENTRE OS IMIGRANTES ALEMÃES
e seus descendentes na região Noroeste do Rio Grande do Sul

Trabalho final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: MPA

Orientador: Oneide Bobsin

São Leopoldo

2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B981p Busse, Valdino

A práxis pastoral entre os imigrantes alemães e seus descendentes na região Noroeste do Rio Grande do Sul / Valdino Busse ; orientador Oneide Bobsin. – São Leopoldo : EST/PPG, 2009.

69 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2009.

1. Obra da Igreja junto aos imigrantes – Rio Grande do Sul. 2. Imigrantes – Rio Grande do Sul – História. 3. Igreja Luterana – Brasil – História. I. Bobsin, Oneide. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

RESUMO

A reflexão neste trabalho está centrada na contribuição da práxis pastoral na imigração alemã na região que hoje compreende a microrregião de Santa Rosa/RS, focalizando mais a localidade de Lajeado Terrêncio, município de Novo Machado/RS, sem, no entanto, deixar de olhar para outras localidades, que viveram situações semelhantes. Os pastores se depararam com o trauma da saga da imigração dos alemães-russos em nosso país. Alguns traços são percebidos até os nossos dias. Já haviam migrado para regiões no leste europeu, principalmente à Rússia, para aproveitar a oportunidade oferecida por um império em expansão. Tentaram construir o sonho de uma vida melhor e o futuro de seus filhos, já que na Alemanha reinava o excesso de contingente, a escassez de alimento e falta de emprego. Entrementes, a situação dos alemães ficou extremamente difícil devido à política da “russificação” por parte do governo, milícias nacionalistas e instalação de guerras civis. Por fim, após a primeira guerra mundial, quem não migrou a tempo foi literalmente expulso das suas terras. Quem conseguiu migrar para o Novo Continente se viu livre de tais ameaças. Junto a estes chegaram também um menor percentual de alemães da Alemanha, que passaram a conviver juntos. Indubitavelmente, ao chegar ao sul do Brasil, se depararam com novos problemas. Um lugar de selva, sem estradas, casas, comércio, indústrias, escolas, hospitais, etc. Como sobreviver esses desafios e construir o futuro de seus filhos? Naquela difícil adaptação entra um diferencial, a práxis pastoral. Não vendo alternativa, os escassos pastores se debruçaram para cuidar dessa gente. Depois de organizarem o lugar de culto, nos domingos pregaram a mensagem de alento do evangelho, que mantinha viva a esperança do indivíduo, ensinando-o a sobreviver pela fé em Deus e que com muito esforço, conseguiriam construir o futuro. Durante a semana faziam visitas. Não raro, as esposas destes, também ajudavam as famílias com ações práticas. A igreja se tornara o centro comunitário nas primeiras décadas, o centro do desenvolvimento humano.

PALAVRAS CHAVES: Imigração – alemães – comunidade – culto – ação pastoral.

SUMMARY

The reflection of this study is based on the contribution of pastoral practice in the German immigration in the region that today comprises the micro area of Santa Rosa / RS, focusing more on the location of Lajeado Terrêncio, municipality of Novo Machado / RS, without, however, fail to look to other places that have experienced similar facts. Pastors are faced with the trauma of immigration saga of the German-Russians in our country. Some traits are perceived to this day. They had migrated to areas in Eastern Europe, especially Russia, to seize the opportunity offered by an expanding empire. They tried to build the dream of a better life and future of their children, as in Germany ruled over quota, the shortage of food and lack of employment. Meanwhile, the situation of the Germans was extremely difficult due to the policy of Russification by the government, militias and nationalists installation of civil wars. Finally, after the first world war, who did not migrate in time was literally kicked out of their land. Who was able to migrate to the new continent was freed from such threats. Along with these came also a smaller percentage of Germans from Germany, who came to live together. Undoubtedly, to get to southern Brazil, faced with new problems. A place of wilderness without roads, homes, commerce, industries, schools, hospitals, etc.. How to survive these challenges and build the future of their children? That difficult adjustment enters a differential, the pastoral. Seeing no alternative, the few pastors have looked to take care of these people. After arranging a place of worship on Sundays preached the message of encouragement from the gospel, that kept alive the hope of the individual, teaching him to live by faith in God and with much effort, they could build the future. During the week did visitations. Often, their wives, also helped families with practical actions. The church became the community center in the first decades, the center of human development.

KEY WORDS: Immigration - German - community - cult - pastoral.

SUMÁRIO

RESUMO	2
ABSTRACT.....	3
SUMÁRIO	4
INTRODUÇÃO	6
1. A IMIGRAÇÃO ALEMÃ	8
1.1. A realidade social na Alemanha Ocidental	8
1.1.1. A saga da maciça migração alemã à Europa Oriental	9
1.2. A realidade econômica no Brasil	13
1.2.1. As terras devolutas na região oriental do Rio Uruguai	15
1.2.2. O incentivo do governo Brasileiro e agentes recrutadores	19
1.2.3. O imigrante é seduzido para povoar a Província de São Pedro	21
1.2.4. O povoamento do Município de Santo Ângelo	22
1.3. A dura realidade da imigração	26
1.3.1. Dificuldades devidas às longas distâncias	26
1.3.2. A difícil sobrevivência em meio à floresta.....	27
1.3.3. A falta de infra-estrutura mínima por toda parte	29
1.3.4. A pobreza e a miséria em muitos lugares horrorizavam	30
1.3.5. A utopia das promessas por parte do governo	32
1.3.6. Transtornos pela demora do governo na demarcação das terras	33
2. O PAPEL PASTORAL JUNTO ÀS PESSOAS	34
2.1. Os pastores se empenharam no cuidado das pessoas	34
2.1.1. Os pastores auxiliavam na organização das comunidades	37
2.2. Por meio da Igreja quebrava-se o isolamento na mata	38
2.2.1. Por meio da Igreja o povo mantinha a espiritualidade	40
2.2.2. Os pastores pregavam uma mensagem de perspectiva futura	42

2.2.3. Os pastores ensinavam o povo a cuidar do outro	43
2.3. Os piedosos mantiveram sua fé mesmo na escassez de pastores	44
2.3.1. Famílias afastadas também encontram auxílio espiritual pelo rádio	46
2.3.2. O investimento missionário trouxe benefícios!	46
3. O PAPEL FUNDAMENTAL DA IGREJA NA SOCIALIZAÇÃO..	49
3.1. Possibilitava a comunicação pela língua materna	49
3.1.1. Culto e cultura: espiritualidade com identificação antropológica	49
3.1.2. A Igreja dá sentido às festas, datas significativas e aos atos sociais:	51
3.1.3. A Igreja facilita a criação da escola: o sistema de alfabetização dos filhos:	52
3.2. A Igreja fomenta soluções:	55
3.2.1. Cria o cemitério para as famílias poderem enterrar seus mortos com mais dignidade:	55
3.2.2. A Igreja influencia na criação de centros de saúde e hospitais	56
3.2.3. A igreja presente na criação de estradas	57
3.2.4. A Igreja ameniza o trauma da Segunda Guerra Mundial	57
3.2.5. A Igreja soluciona conflitos	58
3.3. Pela Pregação	59
3.3.1. A Igreja traz esperança aos enlutados pelo culto fúnebre	59
3.3.2. Das normas morais elevaram à uma qualidade de vida mais tranqüila	60
3.4. Primeiras Igrejas e seus primeiros pastores em Linha Machado	62
CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIA	65

INTRODUÇÃO

Neste estudo¹ resgato a história da imigração alemã, na região de Santa Rosa, noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e a influência poimênica que os pastores e as igrejas exerceram na vida dessas pessoas. A escolha do tema surgiu para pesquisar e confirmar o depoimento do imigrante alemão Gerhard Kleinert. Por ser meu avô, contou-me a biografia de sua família, que emigrou à Linha Machado, região de Santa Rosa – RS. Gerhard, com oito anos de idade, em companhia de seus pais e irmãos, viveu a experiência da travessia do Oceano Atlântico, sua difícil chegada e adaptação. No seu relato percebi que os pastores e as igrejas exerceram um papel importante no amparo e sobrevivência dos imigrantes.

No capítulo I relato a situação dos imigrantes das regiões dos antigos estados alemães do século XIX e da Europa oriental. O excedente populacional, a falta de terra, a fome, conflitos regionais, entre outros, foram fatores que facilitaram o recrutamento de milhares de alemães e outros europeus para povoarem o centro norte do Estado do Rio Grande do Sul. Levo o leitor aos fatos históricos conhecidos do sul do país antes da vinda do imigrante. Os portugueses haviam se estabelecido no sistema latifundiário das sesmarias, mais na área de vegetação rasteira dos pampas, onde criaram gado; faltava povoar a parte norte do estado, cuja maior parte das terras estava cobertas por densas florestas. Atraídos pelos incentivos do governo brasileiro, os alemães vieram na esperança de constituir uma vida melhor, num lugar onde haveria fartura de terra, alimentos e futuro promissor. Descrevo o povoamento, o estabelecimento até a última região a ser colonizada, não no sistema de sesmarias, mas em pequenas propriedades e o cultivo da “colônia” em família.

No capítulo II, relato a decepção dos imigrantes, quando descobriram, ao desembarcarem no solo gaúcho, que se tratava de uma grande região de difícil acesso, devido

¹ Esta Monografia foi elaborada sob orientação do Professor Doutor Oneide Bobsin e coorientação da Professora Doutora Valburga Schmiedt Streck .

à falta de infra-estrutura como estradas, pontes, transportes, indústrias e comércio. Somava-se a isso as grandes distâncias, que se gastava dias para serem percorridas. As experiências foram amargas, especialmente nos primeiros anos da ocupação de sua colônia. Além de enfrentar a exuberante floresta, tiveram que vencer todas as dificuldades que apareciam. Sem dinheiro para voltar ou comprar uma colônia já cultivável, o desafio era resistir e lutar até vencer. A pobreza e a miséria horrorizavam em muitos lugares. O abandono e o descumprimento das promessas por parte do governo também causavam grandes transtornos.

Já no capítulo três é descrito o papel poimênico que a igreja teve junto às pessoas. Os pastores e missionários, com raras exceções, empreenderam todo esforço para amparar essas pessoas. Quando a miséria e as adversidades estavam instaladas, o pastor muitas vezes era o único que se importava com pessoas e tinha uma palavra de alento. Sem centros de saúde para tratar dos enfermos nas comunidades, as pessoas dependiam de Deus para a sobrevivência, ajudavam-se mutuamente, faziam mutirões para socorrer os menos favorecidos.

Prossigo descrevendo as atividades da igreja para a socialização e a quebra do isolamento nas florestas, tendo a oportunidade de realizar cultos e programas sociais na língua alemã. No seio da igreja surgia a solução para a alfabetização dos filhos, a construção do cemitério, melhoramento das vias de acesso e construção de capelas. Também descrevo a fundação das igrejas e seus primeiros pastores na Linha Machado.

1. A IMIGRAÇÃO ALEMÃ

1.1. A realidade social na Alemanha Ocidental

É preciso recuar no tempo, para compreender a saga da imigração alemã. Na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, se estabeleceu gente de diversas etnias, contudo, os alemães formaram o número mais expressivo. Volto à história dos germanos na sua terra natal.

Após a derrota de Napoleão Bonaparte, a Europa conturbada se reorganizou. Em 1815 foi criada a confederação Alemã, que visava unificar as fragmentadas regiões onde se falava o idioma alemão em um estado nacional.² A partir de então se tornou “um agrupamento de pequenos reinos, principados e cidades livres. A maioria da população vivia em absoluta miséria” em volta dos senhores feudais, que também já estavam em declínio. No começo da década 1870, a confederação tornou-se um império, que contribuiu para expansão do capitalismo, ancorado pela revolução industrial na região e o comércio exterior. Entretanto, desde o início do século XIX, enfrentava os mesmos problemas da maioria dos países da Europa Ocidental. As guerras pela unificação eram uma constante. Havia tempo que a economia de predominância rural sofria uma superpopulação e pouca terra produtiva à disposição, sendo boa parte de relevo montanhoso.³ Para solucionar o problema o governo revolucionou a agricultura, abolindo a estrutura feudal. Uma espécie de reforma agrária, onde o camponês, para garantir a posse e poder deixar herança a seus descendentes teve de entregar 1/3 ou metade da sua terra. O mais atingido, obviamente, foi o pequeno camponês, que depois de ter sua propriedade partilhada, e que a cada partilha diminuía mais, via-se obrigado a

² CUNHA, Jorge Luiz (Org.). *Cultura Alemã 180 anos*. Porto Alegre: Belingüie, 2004, p. 17.

³ RADUNZ, Roberto. *Do poder de Deus depende – Pregação religiosa e constituição de um modo de vida nas colônias alemãs da vila Germânia e Picada Ferraz (1850-1920)*. 1994. 134 f. Dissertação (mestrado em história)

arrendar terras ou tornar-se empregado, como trabalhador agrícola alheio, ou ainda, arriscar emigrar para as cidades ou outros países. Somente o camponês médio e o rico podiam manter-se no meio rural com sua família. Mas o feudalismo já em declínio, com essa iniciativa governamental também teve seus dias contados.⁴

Com a revolução agrícola durante o século XIX, muitos empregados rurais também perderam seu emprego rural devido à mecanização rural. Esse fato também ocasionou forte êxodo rural e farta mão-de-obra no processo de industrialização, inchando as cidades.⁵ Também nas regiões da Badênia e Palatinado, no sul e sudoeste da Alemanha, havia se instalado um período de escassez de alimentos, consequência de várias más colheitas, principalmente de batatas. A fome ocasionou entre 1842 e 1850 “várias centenas de milhares de mortos”.⁶ Milhares de sitiante alemães se viram forçados pela fome, a emigrarem para outros lugares. Muitos foram convencidos por agentes estrangeiros a abandonar sua pátria e arriscar a sorte emigrando à Europa oriental ou atravessar o oceano, para a América do Norte ou América do Sul.⁷

1.1.1. A saga da maciça migração alemã à Europa Oriental

Com os dados acima, entendemos o que motivou numerosas famílias germânicas a emigrarem à Europa Oriental e até mesmo à Ásia, no século XVIII e XIX. Era a busca por terra e oportunidade de uma vida melhor. Aliás, algumas correntes migratórias menores já iniciaram no século XV, onde uma parcela da “população excedente no centro e oeste da Alemanha” já buscava territórios em terras estrangeiras. A Rússia, de posse de “imensas e bem irrigadas planícies”,⁸ tornou-se a terra dos sonhos para muitos alemães. Milhares penetraram àquelas regiões, a partir de 1763, seduzidos pelo plano piloto da Rainha Catarina II. Esta princesa alemã, na sua juventude teve formação iluminista da moderna filosofia francesa do poderio militar e de governo. Tido como muito inteligente e culta, intermediada por uma tia, casou-se com o monarca Pedro III, que fora neto de Pedro, o Grande (1682-1725), da dinastia dos Romanof, que estavam no poder desde 1613. Enérgica e ambiciosa, Catarina não o poupou. Humilhou-o publicamente discriminando-o de estéril. Suspeita-se que

– Programa de Pós-graduação em História – Pontífice Universitária Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994, p. 28.

⁴ VERLANG, William. *Colônia Santo Ângelo – 1857-1890*. Santa Maria: [s.n.], 1991, p. 23.

⁵ *Mostra Comemorativa do 83º. Aniversário de Ijuí*. Ijuí: Museu Antropológico Diretor Pestana, 1973. p.11.

⁶ CUNHA, Jorge Luiz (Org), 2004, p. 21.

⁷ WERLANG, 1991, p. 23.

⁸ RADUNZ, 1994, p. 30.

secretamente mandou assassiná-lo, tirando-o do trono de apenas dois anos de governo. Catarina, com proeza política, assumiu o trono e reinou durante 33 anos (1762-1796), tornando-se a grande “Catarina II”. Com uma nova filosofia de governo, marcou os rumos da história russa. Ambiciosa e fã da política expansionista iniciada por Pedro, o Grande, promoveu o avanço Russo, transformando-a na maior potência da Europa Oriental da época.⁹ Reformou o estado político, capacitou a máquina administrativa, aparelhou o exército nos moldes modernos da Europa e conquistou territórios. Na seqüência visou povoar áreas conquistadas potencializando produção de alimentos e riquezas ao país¹⁰ e protegê-las de invasões de tribos e nações asiáticas das proximidades. Em 22 de Julho de 1763, Catharina II fez um manifesto convidando imigrantes, sobretudo alemães, para colonizarem aquelas terras. Para atrair imigrantes, o manifesto prometeu privilégios:

- *Liberdade religiosa e o direito de construir suas próprias igrejas e escolas;*
- *Isenção de serviços militares;*
- *O direito de deixar a Rússia a qualquer hora;*
- *O direito de morar em colônias isoladas das outras;*
- *Os novos colonos teriam proteção e os mesmos direitos dos nativos;*
- *Não precisariam pagar impostos por 10 anos;*
- *As famílias muito pobres receberiam ajuda do governo para se estabilizarem;*
- *Os direitos e privilégios também eram garantidos aos descendentes dos imigrantes;*
- *Depois de passados 10 anos, ainda teriam mais 10 anos de prazo para devolver a ajuda que receberam do governo.*¹¹

Seduzidas pela oferta, milhares de famílias alemães sem alternativa, se estabeleceram em diversas áreas da Rússia, a partir das terras ao longo do Rio Volga, no período de 1764 e 1767. Como a Rússia seguiu nas campanhas militares, tiraram dos turcos as terras de toda a região do Mar Negro. Também foram anexadas as regiões da Criméia, Bessarábia e a vasta região de Wollynia¹², entre outras. Em todas essas regiões foram assentados europeus, a maioria alemães, que foram migrando gradativamente. Uma grande leva aconteceu por volta de 1803, quando Alexandre I (1801-1825), o neto de Catharina II, fez um novo chamado. Surpreso pelo grande número de chegadas, em 1804 mudou o manifesto, fez um decreto restritivo, julgou ter excesso de cotingente estrangeiro para segurança nacional de fronteira. A

⁹ BORDINI, Ricardo. Hoje na História - 17 de junho de 1773. Catarina II, czarina da Rússia... Disponível em: <<http://www.ricardoorlandini.net/Content/DetailheConteudo2.asp?cntId=1651>>. Acesso em: 5 jul. 2009.

¹⁰ YAHOO/Página inicial/Artes e Humanidades/História. *O que é ocidentalização da Rússia?* Disponível em: <<http://www.rberga.kit.net/hh/hh22.html>>. Acesso em: 5 jul. 2009.

¹¹ WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. *Alemães-bessarábios*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alem%C3%A3es-Bessar%C3%A1bios>>. Acesso em: 5 jul. 2009.

¹² Wollynia, em ucraniano: **Volyn** ou **Volyn'**, hoje a maior parte pertence à Ucrânia, fica a noroeste entre os rios Pripiat e a Podólia, sua capital é a cidade de Lutsk (não confundir com Wolínia, uma aldeia no distrito administrativo de Comuna Glówczyce, no norte da Polónia). Seguindo na língua portuguesa, doravante será escrito “Volínia”. Outra pequena parte pertence à Bielorrússia.

Rússia só aceitou, a partir de então, imigrantes que possuíssem dinheiro para investir e viessem em família, para trabalhos de lavoura ou prestadores de serviços manuais. No mais, os imigrantes e seus descendentes continuaram desfrutando da liberdade, mantiveram-se unidos em suas comunidades, mantiveram sua vida religiosa e língua de origem. Entrementes, o sucessor de Nicolau I (1825-1855), o Czar Alexandre II (1855-1881), em nome do nacionalismo, no ano de 1871, anulou todos os privilégios dados aos colonos imigrantes. E no ano de 1874 os jovens alemães-russos foram recrutados para os serviços militares pela primeira vez. Os colonos alemães se sentiram discriminados frente aos movimentos nacionalistas. Se viram inseguros diante da nova realidade e havia rumores de coisas piores. Sentindo-se esquecidos pela Alemanha, a Rússia havia se tornado sua terra natal "adotiva", porém a minoria sabia o idioma russo. Nesse período, surgiu um novo horizonte, uma terra de liberdade, chamada América! Iniciou o movimento de emigração à América do Norte e à América do Sul (Brasil, Argentina e posteriormente o Paraguai), que aumentou gradativamente, alcançando o ápice logo depois da Primeira Guerra Mundial.¹³

Já a região da Volínia, donde migrou grande contingente ao Brasil, era um gigantesco território de 70 mil Km², que a Rússia dominou desde 1795 até a primeira guerra mundial.¹⁴ Após, com a emancipação da Polônia, Volínia, foi dividida entre os dois países.¹⁵ Hoje esse território está no noroeste da Ucrânia e pequena parte na Bielorrússia. Quando estourou a primeira guerra mundial, estavam estabelecidas mais de 400 colônias alemãs somente na região da Volínia, com mais de 230 mil alemães, que haviam transformado com seu árduo trabalho manual uma região de estepes e banhados em terras cultiváveis. Levaram décadas para drenar imensos banhados. Agora estavam no auge, em plena fase de cultivo.¹⁶

As hostilidades por parte do governo aumentaram. Com Alexandre III no trono, a russificação era ordem a partir de 1881, gerando eminentes mudanças na vida dos colonos: o ensino nas escolas tinha que ser em russo; a administração das vilas não podia ser feito mais por eles; adquirir mais terras foi restringido. Outros direitos e privilégios foram cancelados. Como ir para América não foi tão simples, muitos decidiram ficar e apostaram por dias melhores. A situação política russa ficou cada vez mais instável internamente como nas suas relações no exterior.

¹³ WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. *Alemães-bessarábios*. Disponível em:

<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alem%C3%A3es-Bessar%C3%A1bios>>. Acesso em: 5 jul. 2009.

¹⁴ WUTZKE, Vilson. *Wolhynien und die Wolhyniendeutschen*. Nova Santa Rosa: Jair e Seli Lange, 2002, p.2.

¹⁵ WUTZKE, 2002, p. 6.

¹⁶ WUTZKE, 2002, p. 2.

Enfim, os alemães foram acusados pelo governo de traidores da Rússia, espiões e colaboradores do governo alemão¹⁷. No verão e em plena colheita de 1915 foram expulsos, tiveram que abandonar tudo às pressas. Muitos tentaram ficar, ao menos para fazer a colheita, entretanto foram acusados de impostores e levados presos ao interior da Rússia, até mesmo à temível Sibéria gelada; outros tantos, espalhados estrategicamente. Enfrentaram longas viagens de trem e carroças, algumas com seis meses de duração. Milhares morreram de doenças, fome e frio, especialmente crianças e idosos.¹⁸ Os que conseguiram fugir, voltaram à Alemanha e outros optaram por novas terras, no Novo Continente, à América, dos quais, parte migrou à região noroeste de nosso estado.¹⁹ Nos anos que se seguiram, alguns dos que foram levados ao interior da Rússia, conseguiram fugir, atravessaram países vizinhos, como a China e vieram para o Brasil, como foi o caso da família Mertin, cujos descendentes são conhecidos deste autor. Outros conseguiram retornar à Volínia por conta própria, mas tiveram de recomeçar do zero. Com a Revolução de 1917,²⁰ houve por alguns anos uma Rússia “sem leis”. O governo revolucionário e grupos de bandidos ditavam as regras e atacavam as vilas e aldeias alemãs. Assassinararam, prendiam e seguiram deportando muitos alemães-russos a Ásia, até à Sibéria.

*O término da Primeira Guerra Mundial causou muitas dificuldades para os alemães que estavam na Rússia. Apesar de terem lutado no exército russo e alguns morrido durante as batalhas ao lado da campanha russa, eles foram acusados de espionagem e sabotagem. O idioma alemão foi então proibido nas escolas e igrejas, além dos jornais em língua alemã. Inúmeros alemães-russos foram deportados para a Sibéria por “crime contra o estado”.*²¹

*Tanto fazendeiros quanto pequenos agricultores, vendo-se expoliados de seus direitos, resistiram como podiam à tamanha barbárie. O poder, incensível e autoritário, violentou os proprietários recalcitrantes, mandando-os a campos de trabalho forçado, quando não os eliminava sumariamente à menor demonstração de rebeldia. Era o terrível expurgo [...]. Foi uma ruínosa fase de fome e doenças, onde os fantasmas da miséria se tornavam horrivelmente reais [...] a morte se integrou ao ambiente russo [...] num país em que (anterior a revolução), pelo menos, a comida era farta e variada.*²²

¹⁷ WUTZKE, 2002, p.13.

¹⁸ WUTZKE, 2002, p.17.

¹⁹ WUTZKE, 2002, p.20.

²⁰ KURYLOWICZ, Roberto Zub. *Tierra, Trabajo y Religion – Memória de los imigrantes eslavos em el Paraguay*. Assuncion: El Lector, 2002, p. 29, 30. Kuryłowicz informa que no período de 1917-1922 onde os bolchevistas (sob a filosofia “marxista-lenista”) tomaram o poder, aboliram a nobreza e estatizaram tudo, instalou-se uma guerra civil em toda região da antiga URSS e como resultado morreram 8 milhões de pessoas, das quais 7 milhões de terror, epidemias e fome. Para maiores detalhes ver p. 24 – 32.

²¹ WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. *Alemães-bessarábios*. Disponível em:

<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alem%C3%A3es-Bessar%C3%A1bios>>. Acesso em: 5 jul. 2009.

²² BRAGA, Rosalvo. *Caminhos para o encontro*. Belo Horizonte: CompuNews Artes Gráficas, 1997, p. 30 e 31.

Wutzke relata que em 1932, os alemães russos perderam tudo novamente para o governo comunista e foram espalhados outra vez. Até que em 1939 e 1940,²³ quando a situação destas famílias alemãs já estava desolável, em acordos internacionais, o governo da Alemanha convidou esses alemães a voltar para a Alemanha. Retornaram aos milhares, deixaram tudo para trás, levaram apenas pertences pessoais.²⁴ Como a Alemanha não encontrou lugar para a grande massa de 95 000 pessoas, assentou-os na Polônia ocidental, na região de Warthegau, ao longo do Rio Warthe. Dos que ficaram na Rússia, durante a Segunda Guerra Mundial

*[...] eram levados a prisões especiais (homens), e tratados como inimigos do Estado. As mulheres e crianças eram enviadas para residências próprias junto de pessoas de diversas nacionalidades. Todos os bens foram confiscados. Muitos eram deportados para regiões distantes como Sibéria e Ásia Central, proibidos de viver os costumes alemães. Alguns nunca mais viram sua família e morreram por lá [...] Com a extinção da USSR em 1991, começou novamente uma onda de imigração da Rússia para a Alemanha, de alemães que ainda estavam lá. Estima-se que desde 1991 mais de 2 milhões de imigrantes foram para a Alemanha[...].*²⁵

1.2. A realidade econômica no Brasil

No Brasil, durante o século XIX, a principal economia tornou-se a exportação de café. Os fazendeiros, usando a mão-de-obra escrava, lucravam muito. Escravos foram comprados de duas fontes de comércio: os negros trazidos do continente africano e os índios aprisionados pelos bandeirantes. Entretanto, depois de séculos de latifúndio e comércio de milhões de escravos, os fazendeiros viam esta última modalidade declinar, por várias razões: uma, no

²³ Erica Margita Neumann descreve a impressionante fuga e migração de seus ascendentes, a família Neumann, da Volínia para o Brasil e confirma o relato de Wutzke. Mas nem todos tiveram a mesma sorte. Segue parte do texto: “*Nem todos da família conseguiram escapar a tempo. Alguns parentes ficaram na Ucrânia. Houve troca de cartas onde contavam apavorados sobre o confisco de alimentos "querem nos matar de fome". A última carta que ainda conseguiram enviar em 1932, foi um verdadeiro grito de desespero "não temos mais o que comer, levaram nossa última vaca". O contato cessou, só restou o silêncio. Sobreviveram alguns dos parentes? Até hoje não temos a resposta! [...] foi um grande genocídio planejado no período de 1932 – 1933 por Stalin que resolveu revidar com o terror à resistência oferecida pelos camponeses ao trabalho nas fazendas coletivas. Confiaram os alimentos e as tropas do exército bloquearam todas as estradas e linhas férreas. Nada e ninguém entrava ou saía dali. Stalin enviou seu servo devoto, o fanático Lazar Kaganovitch para destruir a última resistência dos camponeses. [...] O povo comeu animais de estimação, capim, casca e raízes de árvore e quando isso acabou, sucumbiram. Muitas colônias desapareceram, pois o povo morreu de fome e nada mais sobrou, somente ruínas. Diariamente os comunistas chegavam com carroças e recolhiam as pessoas caídas no chão, algumas mortas, outras ainda não e, simplesmente as enterravam em uma vala comum. [Tal foi o] holocausto na Ucrânia, que eliminou em torno de 9 milhões de pessoas entre 1932 – 1933 é pouco divulgado e o extermínio de milhões por Stalin e seus capangas, por estranho que pareça, continua impune.* Texto extraído de NEUMANN, Erica Marguita. *Escapando do "Paraíso" Vermelho*. Disponível em: <<http://www.mluther.org.br/Imigracao/escapando%20do%20paraíso%20vermelho.htm>>. Acesso em 05 Out. 2009.

²⁴ WUTZKE, 2002, p.22.

²⁵ WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. *Alemães-bessarábios*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alem%C3%A3es-Bessar%C3%A1bios>>. Acesso em: 5 Jul. 2009.

exterior, devido a escassez de africanos “pelo fato de os holandeses terem ocupado na África as áreas de onde os negros eram trazidos”.²⁶ Também no interior, devido a escassez de índios para a captura, pois estes, sob liderança dos jesuítas²⁷, haviam migrado ao Paraguai, em direção à região sul²⁸ e Argentina. O cenário internacional também havia mudado. Havia um desincentivo para comércio de escravos por parte dos ingleses. No Brasil, a partir de 1850, a lei de Eusébio Queiroz, proibia a importação de escravos, razões porque o preço de um escravo aumentou muito. A falta de mão de obra forçou os cafeicultores a procurar outro sistema de produção. Os ingleses, agora capitalistas, que outrora, eram os principais comerciantes de escravos capturados na África, estavam convencendo o mundo a adotar o sistema capitalista, para compra e venda de mercadorias. Os ingleses comprariam a matéria-prima e revenderiam seus produtos manufaturados. Como os escravos não dispusessem dinheiro, era necessário mudar essa situação: o trabalhador brasileiro, como de qualquer parte do mundo, deveria ser assalariado, a fim de que pudesse ter poder de compra.²⁹

O senador Nicolau de Campos Vergueiro introduziu o sistema de parceria, mão-de-obra não escrava, mas assalariada. Trouxe um grupo de alemães e suíços para Ibicaba, na sua fazenda em Limeira, em São Paulo. Outros fazendeiros seguiram o modelo. Inicialmente a imigração do trabalhador europeu foi estimulada no país para substituir o trabalhador escravo nos cafezais, tanto pelos fazendeiros como pelo Império. Inicialmente, não foram vendidas terras aos imigrantes para impedir que houvesse concorrência para com os grandes plantadores latifundiários.³⁰

No sul foi diferente. No século XIX não se produzia café, mas charque e trigo, e estes não se exportavam. O trigo era produzido pelos açorianos, que imigraram no século XVIII, para o centro-leste do estado. O gado, espalhado por toda campanha, era capturado e vendido

²⁶ Osmar Luiz WITT, *Igreja na Migração e Colonização*. São Leopoldo: Sinodal, 1996, p.10.

²⁷ Os bandeirantes lançaram-se “contra as reduções do Guairá, mantidas pelos missionários jesuítas em áreas que estavam sob domínio espanhol. As reduções foram destruídas [...] tendo os jesuítas fugido com os índios, vieram fixar-se em território rio-grandense em 1626, ocupando a área que se estendeu pela zona de Ijuí, Piratini, Jacuí, Taquari, Ibicuí, Guaíba, Rio Pardo, fundando reduções, onde se dedicavam à agricultura e formavam estâncias de criação de gado trazido da província Argentina de Corrientes. Os Bandeirantes então investiram contra essas áreas” para captura de “peças ótimas” de índios. “Quando os jesuítas abandonaram a área, o gado que fora por eles introduzido se reproduziu livremente a partir de 1637, constituindo grandes rebanhos abandonados no pampa, que eram conhecidos como ‘Vacaria do Mar’”. A “Vacaria do Mar” originou com a introdução de “400 vacas leiteiras, mansas, de cor escura, lançadas pelos jesuítas nas campanhas rio-grandenses”. (WITT, 1996, p.10).

²⁸ ARAUJO, Rubens Vidal. *Os Jesuítas dos 7 Povos*. Canoas: La Salle, 1990, p. 68-69. Outra referência mostra que o padre Jesuíta Cristobal de Mendonza Orellana (Cristóvão de Mendonça) e Romero introduziu gado, éguas mansas nas missões orientais já em 1634. Os Jesuítas também introduziram ovelhas, porcos, cabras e galinhas, bem como o trigo, cana de açúcar e milho para a prosperidade das reduções.

²⁹ WERLANG, 1991, p. 29.

³⁰ WERLANG, 1991, p.30

por longo tempo aos bandeirantes. Mas esta fatia do mercado estava mudando: o comércio de gado vivo estava em decadência desde o século XVIII.³¹ Com a proeza da transformação da carne crua em charque, vendia-se muito bem aos fazendeiros do centro do país para alimento de escravos.

1.2.1. As terras devolutas na região oriental do Rio Uruguai

Indubitavelmente, o governo brasileiro, ciente dos acontecimentos históricos, tinha interesses ao trazer o imigrante europeu ao Rio Grande do Sul. A região sulina era um capítulo à parte no Brasil, um problema de segurança nacional. Extensas áreas de terras com florestas virgens e campos desocupadas,³² afastados do centro do país, que, nos séculos XVI, XVII e parte do século XVIII eram apenas corredor de passagem. Era uma terra sem dono, denominado pelos portugueses de “Continente do Rio Grande”. Seu interior era explorado apenas pelos Bandeirantes, que cassavam nos pampas o gado “xucro”³³ e algumas “peças” de índios para serem vendidas no centro do país. Já os portugueses exploravam somente a região Litorânea. Para isso fundaram Laguna, em Santa Catarina e Colônia do Sacramento, situada a oeste de Montevidéu, em 1680.³⁴

A grande preocupação nacional no século XIX era de que a ampla região que abrange desde o Peru à redução de São Soriano, hoje República do Uruguai, pudesse originar uma nova nação política. Já que outrora, uma larga faixa à margem oriental do Rio Uruguai, já estava ocupada pelo Império Jesuítico-Paraguaio-Guarani.³⁵ Estava em jogo toda região que abrangia o sudoeste do Paraná e o centro-oeste de Santa Catarina. Portanto, a província sulina na história, era o palco das maiores disputas e guerras da história do país. Um longo período de disputas entre espanhóis e portugueses. Missões Jesuíticas que catequizavam os índios foram usadas por espanhóis para fixar território no lado oriental do Rio Uruguai, a partir do Paraguai. Em 1627, jesuítas espanhóis fundaram missões, em torno do rio Uruguai, mas foram expulsos 53 anos depois quando a coroa portuguesa fundou a Colônia do Sacramento. No entanto, jesuítas espanhóis retornaram e estabeleceram, em 1687, os Sete Povos das

³¹ WITT, 1996, p.12

³² “Terras desocupadas” na visão do branco, entretanto era terra natural dos índios, excluídos com a colonização.

³³ Esse gado xucro veio a ser uma riqueza explorável quando os portugueses se instalaram em 1680, no lado uruguaio do Rio da Prata, fundando a Colônia do Sacramento, para contrabandear produtos (até mesmo prata do Peru) e mais tarde, quando povoaram o nosso estado (WITT, 1996, p.11).

³⁴ WEIBEL, Leo. *Die Europäische Kolonization Südbrasilien*, Bonn: Ferd. Dümlers Verlag, 1955, p. 36.

³⁵ FLORES, Moacyr. *Cultura Sul-Riograndense*. Porto Alegre: Instituto Cultural Português, 1981, p.59.

Missões.³⁶ Embora houvesse disputa local de posse, por um bom tempo Portugal não autorizava oficialmente sua colonização, temendo conflitos maiores e desnecessários com a coroa espanhola; julgava não possuir maiores riquezas naturais. Contudo, até que

[...] o então governador geral, Rodrigo de César Meneses, escrevesse para o rei português, afirmando que era preciso — mandar povoar toda aquela fronteira, de cuja capacidade pela abundância e a fartura se pode fazer uma das maiores povoações da América. A abundância e a fartura podiam ser grandes, e a ambição portuguesa era, sem dúvida, ainda maior. [...] Ambas as coroas adotavam uma política expansionista, e estavam interessadas em ocupar o máximo possível de território [...] Dom Dedro II de Portugal, que foi regente de 1668 a 1683 e rei de 1683 a 1706, decidiu que o Império Português deveria ocupar a margem esquerda do Rio da prata. E doou, em 1674, duas capitânicas nas terras que estão sem donatários ao longo da costa e até a boca do Rio da Prata. Essa doação foi confirmada dois anos depois por uma bula Papal, que considerava que o bispado do Rio de Janeiro tinha como limite no sul o Rio da Prata.³⁷

De posse da margem oriental do Rio da Prata³⁸, Portugal fundou o forte da Colônia do Sacramento em 1680, como ponto estratégico de segurança junto ao rio da Prata e para fins de ordem econômica, tais como venda de escravos provenientes da África³⁹, compra de mercadorias de várias procedências, a exploração da riqueza local de gado⁴⁰ e índios para escravatura da nova área. A partir de então, passaram a estudar uma forma de ocupação da região Sul. Começou “o processo de distribuição de sesmarias, definindo-se a posse da terra com o gado”, no sistema de latifúndio. “Nascia a propriedade privada” oficial no sul.⁴¹ Propriedade essa que iniciava no litoral e se estendia para o interior.⁴²

³⁶ DALCIN, Ignácio. *Em Busca de uma Terra sem males*. Porto Alegre: EST; Palmarinca, 1993. Sobre o tema dos Jesuítas na América muito já se pesquisou. Em suma, A intenção principal destes era catequizar os índios pagãos e uni-los em reduções para protegê-los das brutalidades dos colonizadores europeus e bandeirantes. Os Franciscanos chegaram no Perú em 1568, no Paraguai em 1587, em 1610 no Guairá (Paraná) e em 1619 no continente do Rio Grande, p. 34-44.

³⁷ A disputa luso-ibero por Colônia de sacramento era uma constante a partir de então. Mais informações: BIBLIOTECA VIRTUAL. *História do Rio Grande do Sul do DTG Lenço Colorado*. Disponível em: <<http://www.dtgencocolorado.com.br/Biblioteca%20Virtual/historiadoriogrande.pdf>>. Acesso em 05 jul. 2009

³⁸ ROLLAND, Jaques-Francis. *Historama – A Grande Aventura do Homem*. Panama: Cordex, 1972. 7 v, p. 115. O “Rio da Prata” recebeu estes nome porque os índios afirmavam que na região existia muita prata.

³⁹ ARAUJO, 1990, p. 208. O negócio imediato dos portugueses era vender os escravos negros (provenientes da África, via Brasil) na ilha de San Gabriel, na região do Prata. Curioso é como os escravos negros foram levados até o local, visto que os espanhóis tinham proibido o comércio do escravo negro na região. Desembarcaram-os nos limites do Rio Grande e foram conduzidos argolados a pé pela praia até os currais do estuário do Rio da Prata. Dalí estrategicamente para ilha de San Gabriel, onde eram trocados por mercadorias para os povoadores do Rio da Prata e quem se interessava até do Perú.

⁴⁰ _____, 1990, p. 245. Araujo aponta na sua obra que em 1680 nessa região “vivam 10 milhões de cabeças de gado selvagem e meio milhão de cavalos também selvagens”.

⁴¹ WITT, 1996, p. 11. Witt informa ainda que a Vila de Laguna, no litoral de Santa Catarina, foi criada em 1684 “para abastecer a Colônia de Sacramento e auxiliar na sua defesa” (WITT, 1996, p.11).

⁴² BIBLIOTECA VIRTUAL. *História do Rio Grande do Sul do DTG Lenço Colorado*. Disponível em: <<http://www.dtgencocolorado.com.br/Biblioteca%20Virtual/historiadoriogrande.pdf>>. Acesso em 05 jul. 2009. O texto segue: “[...] E é a partir de Laguna que vai se iniciar realmente a ocupação do território gaúcho. Embora a fundação de Laguna em 1684 seja o marco do início da ocupação sistemática das terras do sul do continente, isso não significa que, antes mesmo disso, elas não atraíssem os portugueses por razões não só políticas (a ocupação da maior faixa possível de território por Portugal), mas também econômicas. [...] Mas a ocupação de tão vasta área de território esbarrava em uma limitação: **a falta de população, de pessoal para enviar para a**

A disputa luso-espanhola era constante pela posse da Colônia de Sacramento, levando ao fracasso vários tratados. Somente com o tratado de Badajóz, de 1801, termina a Guerra das Laranjas em curso e finalmente confirma o grande Tratado de Madrid de 1750. Este, havia revogado o Tratado de Tordesilhas, dando direito formal a Portugal, a posse de terras do meridiano Tordesilhas para o oeste. Nesse acordo, toda região missioneira oriental do Rio Uruguai e do Rio da Prata foi anexada à coroa portuguesa.⁴³ Mas até o Tratado de Badajós, por décadas travava-se sangrentas batalhas regionais de posse, dentre as quais se destaca a “Guerra Guaranítica”, 1752-1756, onde pelo menos 1700 índios Guaranis sucumbiram com seu cacique José (Sepé) Tiarajú, no combate contra a milícia portuguesa, que estavam se apossando da região missioneira.⁴⁴ Os milicianos portugueses tomaram posse definitiva do Rio grande do Sul em 1801.⁴⁵

Há, portanto, registros de colonizadores portugueses que, por volta de 1735, penetraram por conta própria até os campos de Gravataí e Viamão. Mas, em 1737, aconteceu o povoamento oficial português em Rio Grande, com a construção de um presídio. Outro núcleo fixou-se em Rio Pardo também com a construção de um presídio. Nos anos 1748 a 1752 a coroa portuguesa trouxe 6 mil imigrantes das ilhas de Madeira e Açores para serem distribuídos em Santa Catarina, os quais se instalaram na região litorânea. “No Continente do Rio Grande” se estabeleceram 2278 pessoas⁴⁶, que se espalharam pela região litorânea e dos campos (onde tinha a vegetação savana, rasteira) em direção ao oeste, até o Rio Uruguai, abrangendo a área da metade sul do estado do Rio Grande do Sul e a República do Uruguai, somando aos que já se haviam fixado por conta própria nos arredores de Viamão e litoral. De posse das sesmarias⁴⁷, formaram grandes estâncias, as fazendas de criação de gado. Tiveram êxito, graças à mão-de-obra escrava e região propícia, com abundância de água e o capim natural do campo, para alimento do gado. Foi propriamente essa gente da estância primitiva que deu a principal contribuição para a formação da cultura do “gaúcho”, uma miscigenação

nova área. O povoado mais extremo então existente, além da colônia de sacramento, era laguna — que contava com a exígua população de 32 casais. Por isso, a ocupação do Rio Grande começa não com o envio de colonos, mas com expedições de exploração, captura de gado e descoberta de rotas.”

⁴³ FLORES, 1981, p.59.

⁴⁴ GIORIGIS, Luiz Eniani Caminha. *O Tratado de Madri, de 1750*. Disponível em: <http://www.terra gaucha.com.br/tratdo_de_madrihtm> Acesso em: 07 jul. 2009.

⁴⁵ CHISTENSEN, Teresa Neumann de Souza. *História do Rio Grande do Sul em Suas Origens Missioneiras*. Ijuí: Unijuí, 2001, p.129.

⁴⁶ DREHER, Martin N. *Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja*. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p.18.

⁴⁷ Sesmaria: Lote (área) de terra, que não era cultivada ou estava abandonada, doado pelo governo de Portugal a pessoas (normalmente portugueses) para fins de ocupação e exploração. Como existia muita terra desocupada os lotes doados geralmente eram grandes extensões, que veio caracterizar o latifúndio. “Em 17/07/1822 (uma) resolução governamental extinguiu o sistema sesmarial, (para dar lugar ao novo sistema de colonização das áreas do chamado sertão ou de florestas)” (FLORES, 1981, p. 81).

das culturas portuguesa, indígena e espanhola. Os açorianos e portugueses em geral não se interessaram em povoar as florestas. Ficou sem exploração toda metade norte do Rio Grande do Sul, bem como, o centro-oeste de Santa Catarina e Paraná.⁴⁸ Havia pouco contingente para povoá-la. Fontes indicam de que na época da independência do país, em 1822, a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, conhecida também como a “Província Cisplatina”, possuía apenas 90.000 habitantes; desses 30.000 eram escravos. Distante há mais de 2.000 Km do governo central era difícil para este manter o exército nas divisas nessa longínqua região.⁴⁹ Entrementes, na parte mais meridional dessa região, lutas por emancipação persistiram, até que em 1828, a situação foi resolvida com a fundação da República Oriental do Rio Uruguai, pelo Tratado do Rio de Janeiro.⁵⁰

O governo central do Brasil também sabia das naus estrangeiras no Rio da Prata. Era relativamente fácil saquear riquezas subindo os rios. Os espertos ingleses, com a experiência de navegação da Europa, se apressaram para marcar presença no Rio da Prata. Na Europa, especialmente no Rio Reno, em cujas margens montanhosas estão encravados muitos castelos (testemunhas até os nossos dias), de que havia tempo em que os senhores feudais, donos das terras, também se viam dono dos rios. Quando passava uma embarcação com as preciosas mercadorias, cobravam pedágio. Essa proeza encarecia o transporte. Espertos e astutos como eram, os ingleses, firmaram acordos internacionais de livre navegação pelo Atlântico até o Rio da Prata⁵¹, especialmente com a coroa portuguesa, pois esta com pendência financeira não resolvida e dependência dos serviços marítimos daquela, era também seu principal parceiro comercial. Tendo logrado êxito também com a coroa espanhola, os ingleses puderam penetrar o continente até onde fosse navegável. Nunca se soube quantas toneladas de ouro, prata e muitas outras riquezas foram transportadas desde o Perú à coroa Inglesa. Navios de contrabandos se misturavam com embarcações legais, e com a frágil fiscalização carregavam o que podiam.⁵²

⁴⁸ WEIBEL, 1955, p.37.

⁴⁹ DREHER, 1998, p.21.

⁵⁰ GIORIGIS, Luiz Eniani Caminha. *O Tratado de Madri, de 1750*. Disponível em: <http://www.terra.gaucho.com.br/tratdo_de_madri.htm> Acesso em: 07 jul. 2009.

⁵¹ ROLLAND, 1972, Vol. 7, p 172-173. Pelo Tratado de Methuen, de 1703, uma filial inglesa em Lisboa fazia a frota para Portugal, mas levava os produtos do Brasil à Londres para depósito e redistribuição. O contrabando também correu paralelamente. Portugal havia se tornado praticamente um satélite do Reino Unido no início do século XVIII.

⁵² ARAUJO, 1990, p. 310. Na região de Colônia de Sacramento “se concentrava o maior movimento comercial da América do Sul – todo ele na base do contrabando. Anualmente [...] centenas de navios de todas as nações – ingleses especialmente – descarregando mercadorias européias e carregando prata peruana e couros”. Para ter idéia de valores Araujo menciona que, um carregamento apenas de um navio, levou nada menos que “11 mil couros secos, 30 mil pesos em moeda e dois mil marcos de prata”, material oriundo da região da bacia do Prata e até do Perú (p. 305).

Com o artifício da propina fiscais também burlavam a documentação ou faziam vista grossa. Certamente se infiltravam também ainda naus francesas, holandesas e outros piratas e penetravam o continente pelo largo Rio da Prata, que se perde a vista na sua foz. Seguiam depois o curso de um dos Rios, ou Uruguai, Paraná ou Paraguai, rumo às cabeceiras. Conta-se que na região que hoje abrange o município de Novo Machado/RS, quando os colonos se estabeleceram nas suas colônias, principalmente nas mais próximas aos rios, perceberam que as maiores e melhores árvores haviam sido cortadas por alguém que penetrou as matas antes, pelos rios, em busca da madeira nobre.

Eles notaram, que muitas árvores de boa qualidade, tinham sido cortadas, e as marcas que ficavam no chão, indicavam que elas eram arrastadas para algum lugar.

Naquela Época, eles não tinham conhecimento do Comércio Clandestino da Madeira.⁵³

Muita madeira nobre foi levada pelo Rio Uruguai, serrada e remetida para outros países. O mesmo aconteceu na Argentina e no Paraguai. O contrabando estava acontecendo havia muito tempo.⁵⁴ E o governo brasileiro teria que fazer algo para salvar suas terras com suas riquezas. O elemento imigrante colono europeu, de agricultura familiar, poderia ser a peça chave.

1.2.2. O incentivo do governo Brasileiro e agentes recrutadores

O Brasil, uma vez independente de Portugal, iniciou sua reestruturação pensando no futuro. A Imperatriz Dona Leopoldina, filha de Kaiser Guilherme II, da Áustria,⁵⁵ em suas veias tinha sangue germânico. Conhecedora do sucesso da Rússia, nos projetos de assentamento de colonos alemães e Alemanha oriental, convenceu seu esposo Imperador D. Pedro I, a trazer imigrantes alemães, agricultores, para povoar a região norte do Rio Grande do Sul. Convencido, o governo estabeleceu critérios aos colonos imigrantes. Não criar gado de corte, não concorrer com os grandes latifundiários, não possuir escravos, empregar mão-de-obra familiar. Sendo assim, poderiam ter sua propriedade. Por isso, inicialmente em 1824,

⁵³ PRIEBE, Gretel et al. *História de Barra do Terrêncio: Novo Machado - 1931 a 2004*. 2. ed. rev. Novo Machado: [s.n.], 2004, p. 16.

⁵⁴ KURYLOWICZ, 2002. Kurylowicz relata que ainda no período da imigração para o Paraguai (onde a grande leva foi um pouco mais tarde do que no Brasil, até meados de 1960), geralmente navios semi-cargueiros eram utilizados para levar os imigrantes europeus e produtos industrializados até Buenos Aires e na volta os carregavam de madeira e outra matéria prima, p.52.

⁵⁵ BENTO, Cláudio Moreira. *Estrangeiros e Descendentes na História Militar do RS: 1635-1870*. Porto Alegre: Nação, 1976, p. 131.

as propriedades eram de 77 ha (hectares), em 1848 diminuiu para 48 ha e mais tarde para 24 a 25 há.⁵⁶

Foi feito um teste inicial, no dia 25 de Julho de 1824, quando desembarcaram os primeiros alemães, no Rio dos Sinos, e se instalaram em São Leopoldo.⁵⁷ Eram 39 imigrantes, que pareciam ser os trabalhadores ideais para povoar o resto da Província.⁵⁸ Depois de um curto espaço de tempo, já vieram outros e foram colonizando a região do Rio dos Sinos e depois a do Rio Jacuí, Taquari, etc. Seguiu-se colocando os imigrantes em colônias de povoamento de forma estratégica, instalando-se também em regiões de difícil acesso pelas densas florestas, cerros, vales, rios com cachoeiras, etc.

Para atrair imigrantes o governo brasileiro contratou agentes recrutadores, os quais faziam propaganda do Brasil na Europa, para atrair o maior número possível de agricultores. Na Europa se dizia que no Brasil existe terra abundante para todos, que o governo facilita a entrada no país, a viagem e a posse de uma colônia por família; dizia-se também que havia abundante madeira para construção, que a terra era fértil e tudo que se plantava crescia e dava boas colheitas, não fazendo tanto frio como na Europa, etc. A imigração acelerou-se. Uma grande leva de imigrantes foi assentada depois da revolução farroupilha, em 1845, mas diminuiu muito depois da lei de Von der Heydt, de 1859, com a qual o governo da Confederação Alemã (Alemanha) proibiu a vinda de alemães para o Brasil, possivelmente movido pela denúncia de que muitos imigrantes se viam abandonados no Brasil. Essa lei foi revogada no ano de 1896.⁵⁹ No período da proibição, os recrutadores faziam propaganda nos países vizinhos da Alemanha. Em resposta, desembarcaram em terras gaúchas, os imigrantes poloneses, italianos, suecos, russos, holandeses, suíços e muitos alemães-russos e gente de outras regiões para buscar um novo lar, encantados pela propaganda.⁶⁰ Os primeiros imigrantes holandeses no Estado se instalaram em 1851 no atual município de Campo Real (Não-Me-Toque). Os italianos se instalaram a partir do atual Município de Farroupilha em 20 de maio de 1875.⁶¹

⁵⁶ WERLANG, 1991, p.31. Uma área de 77 ha era irrisória se comparada com as grandes sesmarias.

⁵⁷ WERLANG, 1991, p.7.

⁵⁸ WERLANG, 1991, p. 46.

⁵⁹ CALLAI, Jaeme Luiz. *Mostra Comemorativa do 83º. Aniversário de Ijuí*, s.e., 1973, p. 14.

⁶⁰ Era um período de vastas migrações gerais. A Europa se livrava do excesso de contingente, enquanto o continente americano os atraía para povoamento. Kurylowicz, escreve que nessa época dourada ou o século dourado das migrações ao “Novo Continente” (1815 -1914) atravessaram pelo Atlântico em torno de 100 milhões de pessoas. KURYLOWICZ, 2002, p.39.

⁶¹ SEGAT, Vera Maria Mendonza. CHRISTENSEN, Teresa Neumann, SARTORI, Sonia Jane. *Pelos Caminhos de Santa Rosa*. Santa Rosa: Barcellos, [s.d.] , p.55.

1.2.3. O imigrante é seduzido para povoar a Província de São Pedro (Rio Grande do Sul)

O governo, que tinha pouco recurso e infra-estrutura para o projeto, contratava empresas (firmas) alemãs para introdução de imigrantes. O pagamento era feito com terras no Brasil, com matéria-prima, ou com outros produtos e as autorizava para trazer manufaturas européias para vender aqui. Estas tendo feito o recrutamento, faziam o transporte dos imigrantes para o Brasil:

Naqueles recuados tempos, a travessia do oceano, em navio de pequeno calado e de precárias acomodações, era sempre ousada, perigosa e, por vezes, dramática. Balançando sobre as ondas e vagalhões do mar, lutando contra as borrascas e sofrendo os fortes calores da passagem pela linha equatorial, a embarcação levava de trinta e cinco a quarenta dias para chegar-se à praia. A maioria dos passageiros adoecia. Não raros eram os casos fatais. Uma vez em terra firme, os imigrantes tinham de fazer um estagio de aclimatação, nos barracões, do Rio de Janeiro, antes de serem encaminhados para as colônias a eles destinadas.⁶²

Em geral, os imigrantes para o nosso Estado vieram em pequenas levas, como já mostrado, a convite do governo. Do Rio de Janeiro ou porto de Santos desceram o Atlântico até Rio Grande, subiram pela Lagoa dos Patos e desembarcaram em Porto Alegre. Para algumas localidades prosseguiram de barco pelo Rio dos Sinos, outros pelo Rio Jacuí e Taquari, conforme a colônia de destino. Nesses lugares de desembarque o porto normalmente era um tronco de uma árvore. Os colonos ficaram assustados. Logo perceberam que era bem diferente da propaganda. Havia ocasiões em que foram literalmente enganados, como escreve Wiliam Verlang sobre a colonização de Santo Ângelo do Agudo (atual Agudo):

[...] os colonos haviam sido enganados, pois se lhes afirmara que desembarcariam em Santa Cruz para onde constava que seriam destinados. Ao aproximarem de Rio Pardo, disseram-lhes que, devido à cheia do Rio Jacuí, teriam de ir adiante. Ao chegarem ao Cerro Chato, passo sobre o Jacuí, onde deviam desembarcar, os colonos relutaram, tentando revoltar-se [...]. Então a tripulação do vapor fê-los sair a força [...] quase loucos de terror, vendo-se naquele deserto [...] os colonos queriam voltar novamente [...] enquanto o vapor largava, deixando-os a sós. Do Passo para o lugar foram transportados em carretas (de bois)!⁶³

Podemos ver que o governo usou os imigrantes:

[...] no plano diabólico do branqueamento da raça. [...] No lugar do escravo foi introduzido o colono branco, o qual recebia terras a baixo custo [...] teve [...] família numerosa, [...] contribuindo, assim, individualmente, para o branqueamento da raça. O imigrante vai ser usado para a eliminação das nações indígenas. [...] para ajudar limpar a área. Eles vão ser usados dentro de uma política de segurança nacional. [...] o imigrante também é usado na valorização fundiária. [...] os primeiros anos ganha de presente as terras mais baixas, menos produtivas. As terras ao redor se valorizam e podem, posteriormente, ser vendidas, por bom dinheiro. [...] próximo de latifúndios, o imigrante vai ser usado como mão-de-obra barata. Muitas vezes, [...] também foram colocados em áreas onde deverão ser

⁶² STAWINKI, Alberto Victor. *História e Religiões das colônias Polonesas*. Porto Alegre: EST, 1981, p. 14. Alguns registros mostram que o transporte marítimo dos 12000 km até o Brasil levava até 100 dias.

⁶³ WERLANG, 1991, p.34.

*construídas e conservadas estradas. Finalmente, [...] faz parte do plano de criação de uma classe média brasileira.*⁶⁴

Na realidade, não foi só o governo brasileiro que lucrou com a vinda do imigrante europeu. Portugal e a Inglaterra também se beneficiaram. A Europa central teve alívio no seu excesso de contingente. Até mesmo algumas comunas pagaram a viagem para os mais pobres virem ao Brasil e assim, se livraram deles. A indústria naval e a marinha mercante prosperaram. Muitos capitalistas de Hamburgo compraram grandes áreas de terras a preço irrisório no Brasil para revendê-las a seus patrícios com bons lucros.⁶⁵ O Governo alemão pretendia formar um mercado promissor para exportar manufaturados para os novos centros de colonizações. Os franceses e os ingleses foram contratados pelo governo brasileiro para expandirem as linhas ferroviárias pela região Sul.

1.2.4. O povoamento do Município de Santo Ângelo

Depois que os vales dos principais rios como Caí, Sinos, Taquari e Jacuí estavam ocupados, os governos federal e estadual, com a iniciativa privada, seguiram abrindo novas colônias. Povoaram toda a região da encosta da serra e arredores e, subindo a serra, povoaram o parte do planalto, chegando a Cruz Alta na década de 1870⁶⁶ e Ijuí em 1890.⁶⁷ Weibel relata que em 1885, de toda Região de Passo Fundo, Palmeira das Missões e Santo Ângelo até o Rio Uruguai, uma área de 12.000 Km², 85% ainda era floresta intocada.⁶⁸ Foi então que o governo decidiu colonizar toda região de Passo Fundo para o norte e de Santo Ângelo para o oeste, até a costa do Rio Uruguai. Ficando reservada a região da grande Santa Rosa. Guarani das Missões foi fundada em 1891.⁶⁹ Embora não sendo vila nem distrito, era o ponto de partida da colonização de uma importante área que inicialmente era chamada Região Missioneira.

*Guarani das Missões foi elevada a categoria de Vila em 31.03.1938 [...] e município em 31.01.1959 [...] o maior fluxo populacional [...] foi de colonos poloneses, que transferiram-se da Colônia Ijuí, [...], etc. Esse deslocamento interno de colonos estrangeiros foi reforçado em 1913 com a chegada de indivíduos vindos diretamente da Polônia.*⁷⁰

⁶⁴ DREHER, 1998, p. 250.

⁶⁵ DREHER, 1998, p. 250.

⁶⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.50.

⁶⁷ CALLAI, 1973, p.14.

⁶⁸ WEIBEL, 1955, p. 57.

⁶⁹ GARDOLINSKI, Edmundo. *Escolas da Colônia Polonesa do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: UCS; EST, 1976, p.45.

⁷⁰ COSTA, Rovílio, MOLON, Moacir Pedro. *Povoadores da Colônia Guarani 1891-1922*. Porto Alegre: EST, 2004, p.7.

Embora a maioria dos imigrantes que ocupavam a colônia Guarani fosse católica, havia também imigrantes evangélicos.

[...] em 1898, lá viviam 28 famílias evangélicas teutas. Dez famílias eram da Prússia Oriental, outros do sul da Rússia e da Polônia. [...] Seis famílias eram migrantes que saíram da colônia Ijuí. Esses apontamentos parecem levar em conta apenas os moradores da margem direita do Rio Comandá.⁷¹

Witt Relata uma estatística interessante:

A área colonizada de Guarany abrange não menos que 20.875 colônias [...]. Somam-se a estas mais 4.000 colônias que, através da concessão da ferrovia, ficaram com a companhia do Dr. Meyer. Destas colônias, somente 780 foram ocupadas e 2.095 foram medidas até hoje (1900). De acordo com a estatística de 1898 [...], moravam naquela época, 2730 almas – e agora 3297 – nessa área grande. Destas, 1016 eram brasileiros, 862 poloneses, 375 suecos, 236 austríacos e 115 alemães. Os austríacos são, em grande parte, alemães. Além destes há poucos de outras nações.⁷²

Com a demora da vinda da infra-estrutura e inúmeras dificuldades a sobrevivida tornou-se um desafio:

Quem pode, entretanto, migra adiante, e eu não os quero levar a mal. Guarany é a localidade mais distante do tráfego que conheci até agora. A terra, certamente é bem bonita e boa, e as pessoas também foram, em grande parte, trabalhadoras. Isso a gente vê. Mas não há grandes perspectivas de progredir. Na venda da cidade – como única venda do lugar – pode, naturalmente, fixar os preços como bem quiser, há só negócios de troca. Além disso, tem-se que atravessar o perigoso Rio Comandáhy, cujos perigos também nós experimentamos, para chegar à cidade. O governo prometeu construir uma ponte já há muito tempo; mas quando ela será, realmente, construída? Agora um homem da colônia tentou levar os produtos até Tupaceretan, a 32 léguas de distância (!), para assim conseguir ao menos algum dinheiro vivo.

Durante o assentamento de colonos, que sucedeu nos anos de 1896-1899, contava-se com certeza com a construção da ferrovia Rio Grande Norte-Oeste. Agora também aqui as expectativas das pessoas foram amargamente frustradas e procuram, freqüentemente, consolo na cachaça...⁷³

Diante desse quadro, as pessoas somaram esforços, auxiliando-se mutuamente, procuraram forças na fé, formaram comunidades e com a ajuda de Deus venceram a dureza da selva e da distância. Outros migraram para outras regiões no Estado, bem como à Argentina e ao Paraguai. Mas, mesmo a formação das comunidades nem sempre era tarefa fácil. Quem iria liderar a comunidade e pastorear a igreja? Onde teriam um pastor nesse fim de mundo? Se viesse, residiria no meio do mato com sua família? Quando enfim, recebiam a visita de um pastor a alegria era indescritível. O pastor Dedeke, luterano, escreveu:

Agora encontrei um grupo grande de homens, mulheres e crianças reunidas que me receberam cordialmente. As famílias provenientes da Galícia estavam representadas com quase todos os seus membros. Os rostos de todos os adultos

⁷¹ WITT, 1996, p. 87.

⁷² SUDHAUS, Paul W. L. *Nochmals im Westens, Sonntagsblatt*, 13(47): 186, 1900, In: WITT, 1996, p. 87. Cada colônia de Guarany possuía 25.000m², isto é, 25 hectares de área, medidas uniformemente na extensão de 250 metros de largura por 1000 metros de comprimento.

⁷³ DEDEKIND, Max. *Reisen unseres Diaspofarres im Nordwesten von Rio Grande do Sul, Der Deutscher Ansiedler*, 42:12, fev. 1904. In: WITT, 1996, p. 88.

*refletiam a alegria sincera e silenciosa do coração por ter um pastor evangélico em seu meio. E, então começaram a relatar: com que alegre ansiedade eu era esperado desde o recebimento da minha carta; como tinham preparado e providenciado tudo para a minha recepção e para a celebração do culto...*⁷⁴

O Pastor Dedeke os descreveu “como ovelhas sem pastor”, que era raro encontrar casais que haviam recebido a benção matrimonial, dos que casavam na colônia. A maioria nem possuía um registro civil de sua união matrimonial e havia muito analfabetismo nas famílias, por não terem escola para seus filhos.⁷⁵

Nesse quarto período de imigração (1889 a 1914), 15 anos, foram criadas 71 colônias com inúmeras linhas e vieram da Europa 356.500 imigrantes, 15% de alemães.⁷⁶ Nesse período Alberto Bins e Paul Schönewald introduziram no estado o eucalipto e acácia, no ano 1904.⁷⁷

Foi à Colônia Guarani que veio um expressivo número de alemães da região da Volínia, ocupada até a primeira guerra mundial pela Rússia e depois dividida com a Polônia. Como descrito acima, esses alemães haviam migrado da Alemanha para a Europa oriental em busca de terras cultiváveis. Quando vieram para o Brasil estavam com certa crise de identidade. Não eram russos, pois não haviam se russificado, mas vivido em comunidades conservando sua cultura e língua alemã. Também não eram alemães natos, pois a maioria já havia nascido na Volínia, por isso são denominados “alemães-russos” ou também “alemães da Prússia”. Todavia, já possuíam hábitos, costumes e cultura peculiar. Formavam um grupo étnico à parte, distintos dos outros alemães. Os alemães da Alemanha já falavam seu idioma ou dialeto regionalista, porém contextualizado, enquanto os alemães-russos falavam uma língua que havia parado no tempo e adaptado palavras, gírias e elementos regionais russos. Assim sendo, os alemães-russos não admitiam ser identificados por russos ou poloneses. Identificavam-se como “alemães”. O idioma alemão era a prova.⁷⁸ O número de imigrantes proveniente da Volínia era tão expressivo que ocuparam diversas linhas, cada qual com vários quilômetros de extensão, na grande Colônia Guarani. Sua influência era tão marcante que outros alemães ou mesmo poloneses, que vieram se estabelecer no meio deles, aderiram a esse dialeto e estilo de vida ou tiveram que migrar a outra linha ou região. Alemães-russos também vieram a outras colônias, como Ijuí, Panambi, Santo Ângelo e vários localidades na nova colônia de Santa Rosa, especialmente na Linha Machado, hoje município de Novo Machado.

⁷⁴ DEDEKE, Gerhard. Als missionsprediger durchs Gebiet der alten Jesuite-Missionen, *Sontagsblatt*, 12(24): 94, 1898. In: WITT, 1996, p. 109.

⁷⁵ WITT, 1996, p. 109.

⁷⁶ PESAVENTO, 1956, p. 84.

⁷⁷ PESAVENTO, 1956, p. 90.

⁷⁸ Para maiores informações sobre usos e costumes ler: WUTZKE, 2002, p.24-30.

A Colônia de Santa Rosa foi aberta em 5 de Janeiro de 1915 e tornou-se o centro de outras 12 colônias até 1933.⁷⁹ A primeira finalidade com sua criação foi regularizar as invasões, tanto para os caboclos que ali já moravam há anos, bem como para “os intrusos”, que haviam se instalado por conta própria a partir da Colônia Guarani.

Em 1915, não havia cidade nem vila, era um ponto de partida de administração dos serviços e medições de terra. A localidade da sede foi descrito que “seria nas proximidades da Cascata Santa Rosa, junto ao estradão que vai a Três de Maio”. O primeiro povoamento aconteceu junto a esse acampamento. Abriram caminhos, derrubaram mato, fizeram “roça”. Isolado de tudo e de todos, Santa Rosa viu a inauguração da “estrada de rodagem Santa Rosa-Santo Ângelo” somente três anos depois.⁸⁰ A conclusão da colonização por todo vale do Rio Uruguai nessa região somente foi alcançada em 1943, por uma firma contratada.⁸¹

O governo queria que nessa região os “vaticínios”, ou seja, os agricultores de origem cabocla pudessem ser inseridos na colonização. Havia certa dificuldade para inteirá-los na colonização. De sangue afroindígena-portuguesa, com seus hábitos peculiares, da terra produziam somente o necessário à sobrevivência. Tendo abundância de caça e pesca, não acumulavam excedentes. Obviamente também não era compreendido pelo colono teuto-brasileiro, que via necessidade da produção. Embora fosse o plano do governo ajudar que o caboclo tivesse posse de terra, este não conseguia adaptar-se no sistema implantado pelo colono teuto-brasileiro, nem pelo italiano. Por isso os nacionais foram se retirando, não ficavam por muito tempo com propriedade.⁸²

Os lotes (colônias) na nova região de Santa Rosa visavam cada um 25 hectares. Oscilavam, porém, entre 20 a 38 hectares, devido à proposta de que todos os lotes, diferente de outras regiões, deveriam ser contemplados com um curso de água e ter acesso à estrada. Eram vendidos a 500 mil réis, em média, à vista ou a prazo. Também podiam ser pagos com dinheiro, serviços ao Estado, ou com gêneros e produtos. Os caboclos podiam comprar com 10% de entrada e o resto pagar quando pudessem. Caso não saldassem a dívida, não recebiam o título. Por fim, o governo deu o título e logo começavam as vendas de suas terras.⁸³ A terra virou mercadoria. Devido à grande procura, os preços aumentaram 30% por ano. Em 1918 já custava quase o dobro. Em 35 anos o lote dobrou quase vinte vezes seu preço original. A maioria dos colonos era oriundo das Colônias Velhas de São Leopoldo, Montenegro, Santa

⁷⁹ PESAVENTO, 1956, p. 88.

⁸⁰ SEGAT, s.d., p. 56.

⁸¹ SEGAT, s.d., p. 55.

⁸² SEGAT, s.d., p. 55.

⁸³ SEGAT, s.d., p. 61.

Cruz, etc., ou das colônias do planalto como Ibirubá, Cruz Alta, Ijuí, Santo Ângelo, Guarani, etc. Em 1940, o número de imigrantes foi pequeno, em torno de 6%, pois, não era do interesse do governo seguir no recrutamento externo, mas queria atender à demanda da migração interna. Porém, a imigração espontânea e individual era atendida. Uma estatística mostra que os de origem teuto (alemã), constituíam em 1950, em torno de 60% da população.⁸⁴ Já no ano de 1931, Santa Rosa foi emancipado politicamente do município de Santo Ângelo. Em 1940, foi inaugurada a extensão da ferrovia, a partir dessa data houve considerável avanço no desenvolvimento. Já a partir de 1954 emanciparam-se 17 novos municípios, cujos habitantes de então somaram 132.110 pessoas.⁸⁵

1.3. A dura realidade da imigração

1.3.1. Dificuldades devidas às longas distâncias

Valdino Busse nasceu nessa região, hoje Novo Machado, aonde os pioneiros chegaram no ano de 1920.⁸⁶ Neto de imigrante da Alemanha, Gehard Kleinert (ascendente materno), que veio direto à colônia de Linha Machado, pouco antes da 1^a. guerra mundial, e bisneto de imigrante alemão-russo Ernest Busse, com 16 anos, (ascendente paterno), que havia se estabelecido em 24/01/1910 com seus pais, Ludwig e Amalia Busse, na Linha Dr. Pederneiras, na época, Colônia Guarani.⁸⁷ Um dos filhos de Ernest Busse, Alberto Busse, já nascido no Brasil, havia migrado à Linha Machado, na década de 1950, em busca de terra mais fértil.

Naquele quinto período do processo imigratório (1919-1939) a imigração espontânea e individual foi de 18.000 austríacos e alemães.⁸⁸ A viagem de Gerhard Kleinert, com aproximadamente 8 anos de idade, quando emigrou com seus pais de Sagan, Alemanha, foi desta forma até Linha Machado, mais de 45 Km de Santa Rosa. Em 1924, da Alemanha à Santos/SP enfrentaram a longa e cansativa viagem de navio precário. Depois de alguns dias de aclimatização na Ilha das Flores, prosseguiram a Porto Alegre em outro navio, onde ficaram 15 dias acampados em barracas do exército na Praça da Alfândega, esperando a confirmação

⁸⁴ SEGAT, s.d., p. 58.

⁸⁵ CHISTENSEN, 2001, p.129.

⁸⁶ CLAUSS, Romualdo J. *Evolução Histórico-Geográfico de Tucunduva*. Tucunduva: s.e., 1982, P. 17.

⁸⁷ GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado e cultura. *Povoadores da Colônia Guarani – 1891-1922*. Porto Alegre: EST, 2004, p. 101.

⁸⁸ Braga, 1997, p. 3: “Os anos pós-guerra [1^a Guerra mundial] impuseram aos alemães a sofrida tarefa de reconstruir o país [Alemanha]. Altos índices de inflação e desemprego, fome e miséria passaram ao cotidiano [...]” Além disso teve que “fazer penosas reparações de guerra” aos países prejudicados.

da ida a mais jovem colônia do Estado. A viagem da capital até Santa Maria foi feita de trem Maria Fumaça, que levava um dia quando não acontecia um imprevisto, pois fontes mostram que os trilhos estavam mal conservados e os vagões sucateados. Ali foi necessário fazer baldeação para Cruz Alta e dali a Santo Ângelo,⁸⁹ levava-se quase um dia. De Santo Ângelo, com as carretas do governo, até Santa Rosa, andava-se aproximadamente 60 km. Aconselhados, deixaram parte da família, a mãe com os filhos menores no acampamento do governo. De Santa Rosa partiu o pai com os dois filhos mais velhos. Chegando a Tucunduva, aproximadamente 32 km a cavalo, percorridos em um dia, pernoitaram. Seguiram no dia seguinte a pé, levando mais um dia para percorrerem aproximadamente mais 15 km, pelas picadas até o centro de distribuição de terras de Linha Machado. Naquele lugar pavoroso de fim de mundo e desorientados, foram recebidos por dois pastores, um batista e outro, luterano, que os confortaram. Passaram a noite em acampamento ali. No outro dia, com a benção do pastor, percorreram o último trecho, no qual tiveram que ajudar a abrir a picada, levaram mais um dia para percorrer o último trecho de 5 a 6 km.

1.3.2. A difícil sobrevivência em meio à floresta

Quando chegaram ao local, o pavor tomou conta. Inexperientes naquele ambiente, estavam num mundo de selva nunca visto. Abismados, a floresta era densa e fechada, entrelaçada de cipós, criciúma, xaxins e teias de aranhas que envolviam e grudavam quando se encostava. As florestas na Alemanha são ralas, que se pode correr no seu interior. Logo a condição da selva começou a revelar-se, deram-se conta de que deveriam proteger-se, às

⁸⁹ O transporte ferroviário tem sua história à parte no Rio Grande do Sul. “A primeira estrada de ferro [...] ligava Porto Alegre a São Leopoldo [...] inaugurada em 14 de abril de 1874” era de 33 Km. Foi construído uma [...] linha tronco Porto Alegre–Uruguaiana. A grande linha de ferro partiu de Santa Maria, tocando Cruz Alta em 1894, Passo Fundo em 1900, Marcelino Ramos em 1910. Um ramal uniu Cruz Alta a Ijuí em 1911, a Santo Ângelo em 1915 e a Santa Rosa em 1940” (SEGAT, s.d., p. 122). A Santa Maria havia chegado em 1885 e esse trecho sempre apresentava insuficiência de escoamento nos seus primeiros 40 anos (PESAVENTO, 1956, p. 42). Essa ferrovia foi construída e estava sendo explorada com pedágios por uma companhia francesa. Como a insuficiência de vagões e a falta de manutenção dos trilhos era uma constante, o governo encampou o sistema ferroviário em 1920, estando completamente sucateado (ANTONACCI, Maria Antonieta. *RS: As Oposições e a Revolução de 1923*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981, p. 42.). A viação férrea já havia desenvolvido [...] o transporte de cargas assim como de passageiros [...] corriam trens diários entre Porto Alegre e Santa Maria [...] vou relatar uma viagem de Ijuí a Porto Alegre [...] se embarcava às 10 horas da manhã, chegando em Cruz Alta pouco antes do meio-dia [...] o trem de Passo Fundo chegava à 1 hora [...] e chegava em Santa Maria só pelas 7 horas da noite [...] em Santa Maria, já estava chegando o trem da fronteira e o nosso [...]. Este comboio para Porto Alegre tinha uns quantos vagões de segunda e alguns de primeira classe [...] se chegava a Porto Alegre somente na manhã seguinte [...] Os trens sempre levantam muita poeira...” (MICHAELSEN, 1998, p.90). Outra fonte mostra a forma de pagamento do governo pela construção de outra ferrovia: “Fazia-se necessária uma linha ferroviária a São Paulo, cuja construção foi contratada com a Companhia Inglesa [...] a Companhia recebeu em pagamento quinze quilômetros de terra em cada lado dos trilhos (MICHAELSEN, Eugênio. *Memórias*. Ijuí: Manutias, 1998, p. 89).

pressas, antes do cair da noite. Limpavam uma pequena área, encravaram quatro estacas no chão, amarraram travessas com cipós, cobriram com galhos, fizeram paredes de folhagens, fizeram fogo no chão. Exaustos, passaram a primeira noite, dormindo no chão. Insetos sem fim, uivos de animais selvagens e horror dos animais peçonhentos, lembraram, além disso, do restante da família que ficara em Santa Rosa, a mais de 45 km, mal puderam dormir.

Nos dias seguintes, roçaram mais mato até formar uma clareira para o pátio, melhoraram a choupana, conheceram e firmaram amizades com os novos vizinhos nas colônias próximas e voltaram para buscar os demais membros da família, que ficaram em Santa Rosa, com os filhos pequenos. É difícil imaginar o choque emocional que essas pessoas tiveram. Muitos imigrantes europeus queriam voltar, mas não possuíam recursos para tal.⁹⁰

O professor Romualdo J. Clauss, em seu livro “Evolução histórico-geográfico de Tucunduva”, confirma que a família Kleinert chegou ao local: “a partir de 1923 [...] (as) famílias: Hein, Kaffka, Roschteck, Kleinert, Labrenz, Weber, Zander, Ickert, Mackus, Krüger. Procedência: Rússia, Letônia, Alemanha e Colônia Guarani. Etnia: Germânica. Religião evangélica” se estabeleceram na Linha Machado, hoje município de Novo Machado, RS.⁹¹

Helmuth Kaffka em sua autobiografia descreve sua difícil viagem de forma semelhante:

Em Porto Alegre ficamos por 4 dias, seguimos para Santo Ângelo. De Santo Ângelo, com carroça grande, de cinco metros de comprimento, puxada por 8 mulas. Eram 4 famílias naquela carroça. [...] Os homens foram a pé até Santa Rosa. Lá o pai alugou uma casa, onde ficamos algumas semanas. Daí o meu pai comprou, em Machado, Terrêncio, 3 colônias de terras: 75 hectares de mato. [...] Daí seguimos adiante, de Santa Rosa, até a Barca do Rio Santa Rosa. Papai comprou um cavalo. De lá toda nossa mudança foi colocada sobre o cavalo e nós, caminhamos a pé, 25 Km, cada um carregando pacotes. Passamos sobre muitas árvores (troncos) e estávamos tão cansados que quase não podíamos seguir adiante. Mas a aventura e a esperança, a alegria de encontrar algo melhor, dava forças para seguir em frente. À noite, chegamos na família Krapp onde pernoitamos numa barraca. (Depois de) alguns dias e procuramos a nossa terra que ficava distante a 4 Km. [...] Nossa colônia ficava próxima, mas tínhamos que encontrá-la [...] nós nos perdemos um tanto e procuramos (caminhamos na mata) um dia todo. No outro dia encontramos nossa terra.⁹²

⁹⁰ KLEINERT, Gehard. Testemunho verbal, ao seu neto, autor desta dissertação, pouco antes de morrer em acidente.

⁹¹ CLAUSS, 1982, p. 34.

⁹² PRIEBE, Gretel; SCHROEDER, Nedi (Orgs.). *História da Localidade de Novo Machado*. ed. rev. Novo Machado: [s.n.], 2004

1.3.3. A falta de infra-estrutura mínima por toda parte

A história da imigração que Gerhard Kleinert relatou pouco antes da sua morte trágica, é confirmada por outros relatos escritos.⁹³ O Professor Romualdo escreve sobre o desafio da emigração para Linha Novo Machado:

Suas mudanças, reduzidas, foram transportadas até Santo Ângelo de Trem. De lá até à então Colônia 14 de Julho (hoje a cidade de Santa Rosa) eram conduzidas por carroças puxadas por fortes bois, cavalos ou mulas. Neste trecho já existiam estradas embora precárias e apenas carroçáveis. De Santa Rosa para frente alguém tinha que na frente abrindo picadas com foice e facão. Os outros iam atrás carregando nas costas as crianças e mudanças. Pequenos e mães geralmente choravam.

Aqui chegados, localizar seu lote rural não era nada fácil. Não havia estradas. Os lugares não possuíam nomes. Orientavam-se pelo sol e especialmente pelo curso dos rios e lajeados.

Acampavam. Dormiam noites e noites debaixo de alguma árvore. Muitas vezes chovia ou fazia frio. Suas roupas e utensílios molhavam. Crianças adoentavam, choravam...

Começaram a derrubar árvores. Era um pic-pac, pic-pac que ecoava pelas matas sem cessar. Os fortes golpes de Machado produziam este estranho barulho. Era o homem forte que chegara para aqui construir seu lar e lutar para conquistar sua tão almejada felicidade.

Com os troncos abatidos, construía seu rústico casebre. Ao redor, amarrava troncos com cipós. Cobria-o com palha. Casa comercial não existia. As duas lojas mais próximas estavam localizadas em Tuparendi (ex-Belo Centro). Em Tucunduva e proximidades, não se conseguia comprar nem pregos, nem comida, nem remédios, nem nada.⁹⁴

Nos anos iniciais da colonização, o trabalho do homem à terra era direto e braçal. Havia muitos tocos, troncos, raízes, de sorte que nem arado, nem junta de bois, nem carroça, podiam auxiliar muito o colono. Apenas a enxada, enxadão, facão e foice eram usados nas limpas.

Plantavam tudo aquilo que servia de comida à própria família, e aos animais que criavam. Era o milho, o feijão, o arroz, o aipim (mandioca), a abóbora, o trigo, o centeio que mais se cultivava. Era uma agricultura de subsistência, isto é, não para comercializar e sim para absorver no próprio lar. Naquela época não havia quem comprasse os produtos agrícolas, pois não havia estradas, meios de transportes como os de hoje.⁹⁵

Pelo que expomos, é notório descobrirmos que a ação de cultivar a terra envolvia muita mão de obra. Todos os elementos da família nela dispndiam seu trabalho. Pai, mãe, filhos iam, todos, à lavoura. Os bebês pequenos eram guardados dentro da caixa de madeira, à sombra dos grossos tocos. Quando choravam é porque estavam com fome. Daí a mãe os amamentava aí mesmo, ou porque sentiam-se agredidos por formigas.⁹⁶

⁹³ Para ver outros relatos e autobiografias comoventes ver na referência acima e outros documentários como: LITTMANN, Eliane Noeli. *Resgate da História de Vida do Grupo de 3ª Idade "Boa Amizade"*. 2002. 22 f. Trabalho da disciplina "Práticas Pedagógicas Alternativas" do Curso de Pedagogia da Unijuí - Campus Santa Rosa. Santa Rosa, 2002, bem como vários documentários de PRIEBE, Gretel et al., que organizou com outros pesquisadores várias *Histórias das localidades de Novo Machado*, no ano de 1995, e *Novo Machado Conta sua História*, em 1996, todos existentes na Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis em Novo Machado/RS.

⁹⁴ CLAUSS, 1982, p. 34.

⁹⁵ CLAUSS, 1982, p. 45.

⁹⁶ _____, 1982, p. 46.

1.3.4. A pobreza e a miséria em muitos lugares horrorizavam

Para informação mais precisa, nada melhor do que ler o que escreve alguém que presenciou tal situação, pois, em toda parte a imigração alemã no Rio Grande do Sul é parecida. Veja o relatório enviado à Alemanha “do pastor Michael Haetinger, de 1892” que Osmar Witt transcreve em seu livro:

[...] os queridos conterrâneos (imigrantes) acreditam cegamente nas cartas atraentes, mas em grande parte mentirosas, dos atraentes de imigração e deixam sua velha pátria cheios de esperança de enriquecerem rapidamente e serem felizes no Brasil. – Já a primeira viagem acarreta decepções amargas, e mais ainda a chegada e o alojamento em barracões nas cidades portuárias. Mas a tristeza aumenta mesmo durante a viagem rumo às colônias recém instaladas. Da última estação de trem em diante, a maior parte dos recém-chegados ainda tem que viajar dois ou três dias de carreta de bois, passar as noites sob céu aberto [...] Cansados e também desanimados, eles chegam finalmente ao último ou penúltimo barracão. [...] Nessas condições, quem ainda tem dinheiro compra mantimentos para si e sua família. A provisão, entretanto se esgota muito depressa, e, antes que as famílias tenham sua colônia, o último vintém já foi gasto. Agora, sim, começa de verdade a amarga miséria. Sem dinheiro, sem carne e pão [...] Se, além disso, as crianças adoecem, elas acabam definhando e morrendo; e como é doloroso para os pais ter que negar tantos pedidos de seus filhos! [...] Após chegar nas colônias, na mata, distantes de 1 a 6 horas do núcleo urbano, eles têm de se apressar em construir uma cabana para ter um abrigo. Montam um telhado com paus, cobrem-no com folhas de palmeiras, cacto silvestre ou feto, colocam um pedaço de pano de saco na entrada e está pronta a moradia. – agora começa o trabalho de desmatamento; todos os que têm braços fortes precisam ajudar. [...] Se ainda acontece de o pai ou a mãe falecerem devido a uma desgraça ou doença, então a medida da pobreza e da aflição fica cheia. A dor de muitos pobres, suas lamentações e lágrimas são de cortar o coração.⁹⁷

Outro relato da Vila Germânia (Candelária), por um professor, em 1896:

[...] grande massa de imigrantes que chegam aqui quase todos sem recursos e que foram expulsos da sua pátria devido à real miséria lá existente. Eles tentam comprar um pedaço de terra [...] e, como não têm dinheiro para comprar terra nas colônias velhas⁹⁸, dependem de terras do governo. Eles se dirigem ao poder público a procura de terra e este, prontamente, dá a cada um uma colônia, com a condição de começarem imediatamente a construir uma moradia e derrubar o mato. [...] O governo não dá a terra de graça, mas a um preço extremamente barato, em geral [...] pagáveis após cinco anos. Não são cobrados juros [...], mas apesar disso não é nada fácil [...] Ali não há caminhos, nem pontes, a gente não vê nada além de mato impenetrável e não se ouve nada além de machadadas e do barulho de árvores caindo. Quando a mata foi medida o agrimensor providenciou a abertura de picadas estreitas no mato, que permitem apenas a passagem de um homem; os limites das diversas colônias foram assinalados por estacas numeradas. O colono é conduzido até a uma dessas picadas e lhe é dito: Aqui tu tens a terra; agora, dá um jeito de te virar. E então o pobre está aí, no meio da selva, entre os seus familiares que olham assustados para ele. Ele não sabe onde começar, como providenciar

⁹⁷ *Die Koloni Jaguari, der Deutsche Ansiedler, 30:51, Jul. 1892.* In: WITT, 1996, p. 37. O Pastor Haetinger era pastor e pregador itinerante da igreja Luterana Sínodo Rio-Grandense, que por necessidade e falta de pastores, deixava de tempos em tempos sua igreja no vale dos Sinos e viajava de colônia a colônia atender “os pedidos e gritos de socorro” dos “dispersos” no Rio Grande adentro (WITT, 1996, p. 38).

⁹⁸ “Colônias velhas” são as primeiras colônias ou regiões já abertas, estruturadas, que já produzem. Seus preços se elevaram muito. Os mais pobres viram-se obrigados a entrar mata adentro, nas profundezas do Rio Grande do Sul e adquirir, à prazo do governo, terra com mato.

abrigo e alimento [...] Após ter recebido alguns conselhos, o colono procura um lugar apropriado para a moradia, um lugar protegido que dispunha de água; abre uma clareira no mato e, com a ajuda dos vizinhos, inicia a construção da sua cabana. Quatro postes fortes são fincados na terra, travessões são colocados por cima, palmeiras delgadas servem de caibros; sobre eles são pregados troncos de palmeira mais finos e rachados ao meio – se não houver pregos, usam-se cipós [...] e, se coloca capim [...] laterais são preenchidas com taquara trançada e rebocadas com barro [...] A derrubada do mato é um trabalho muito pesado e também perigoso, pois as árvores estão entrelaçadas por cipós e, às vezes caem de maneira diferente do que se imagina, de modo que não se consegue mais escapar. Além disso, há macegas e cobras venenosas [...] Agora os alemães que moram na redondeza formam uma comunidade; eles escolhem do seu meio homens que devem cuidar da conservação das estradas e pontes na colônia e, sobretudo, de que haja ordem e união. [...] e preferem resolver seus próprios problemas. Elege-se então uma diretoria [...] de tempos em tempos vem um pastor das colônias vizinhas – mesmo que isto signifique uma viagem dum dia inteiro e celebra um culto numa capela construída para este fim, encarregando-se também dos outros ofícios. Tão logo que for relativamente possível constrói-se uma igreja [...]. Aos poucos, surgem ao redor da igreja outros prédios, vendas casas de comércio, seguidas de outras tantas, de maneira que a igreja será, um dia, o centro de uma vila ou cidade.⁹⁹

Ou ainda relatos dos assentamentos de Cruz Alta e Caxias:

[...] talvez cerca de mil almas que moram no grande galpão de madeira ou em grupos, em casas de família. Nas primeiras semanas, muitos imigrantes – principalmente crianças – faleceram. Pobre gente! O coração dói, quando se ouve as pessoas contando como, durante a viagem, este perdeu cinco filhos, aquele perdeu a esposa e três filhos, e assim por diante. [...] em Caxias tiveram que sepultar muitas crianças e adultos; sete faleceram em um dia, quando o autor deste relato visitou essas famílias pela primeira vez.¹⁰⁰

A dura realidade do novo mundo era assustador. Na Europa a vida era difícil, falta de emprego ou exploração no trabalho, mas ao menos existiam as coisas básicas, escolas, igrejas, hospitais, estradas com pontes, um mundo civilizado, que, ao menos os maiores centros, tinham a possibilidade de trabalhar em alguma indústria. Outro depoimento: “Quando chegamos e nos disseram que esta era a terra, a minha mãe sentou-se sobre um caixote e começou a chorar. – Onde está a igreja? – Onde está a escola para os filhos?”¹⁰¹

Embora os migrantes nacionais não tenham sofrido o mesmo choque emocional, por já estar habituado com a difícil situação, conseguir mais terras era um desafio, uma conquista e solução para a família grande. Geralmente o meio era vender a pequena propriedade, que já produzia, por um bom preço e partir para colônias novas com o fim de adquirir mais terras. Contudo também se tratava de famílias sem grandes recursos, mas tinham que prover terra para os filhos, para que quando estes casassem pudessem ter seu próprio começo. No novo lugar, com os poucos recursos a situação se repetia, a pobreza e a miséria se instalava, conseqüência por ser uma vasta região, sem estradas e sem transporte da produção excedente,

⁹⁹ *Die Koloni Jaguari, der Deutsche Ansiedler, 30:51, Jul. 1892.* In: WITT, 1996 p. 40-41.

¹⁰⁰ *Sonntagsblat, 3(26):6, 1891.* In: WITT, 1996, p. 56.

¹⁰¹ DEPPE, Gessy (Coord.) *Contribuição para a história de nova Petrópolis – Depoimentos.* Nova Petrópolis; Caxias do Sul: SEC; EDUCS, 1988, p. 87. In: RADUNZ, 1994, p. 52.

“utilizavam-se, pois, de rodovias, que não passavam de verdadeiras picadas e só permitiam a passagem de quem viajava a pé, cavalo ou em mulas, sistema de transporte que ali permaneceu por longos anos.¹⁰²

1.3.5. A utopia das promessas por parte do governo

É difícil entender porque os governantes demoraram tanto para atender as comunidades e prover o mínimo de infra-estrutura, se o interesse era deles também. A falta de vontade política para melhorar a vida das pessoas é um problema antigo no Brasil. As histórias se repetiam e por toda parte eram idênticas. Desde a chegada dos primeiros colonos em São Leopoldo e com todos os demais nas outras regiões. Na Europa as promessas feitas por parte do governo brasileiro ou por meio dos agentes não eram poucas, mas chegando aqui os colonos viram que a realidade era outra. Muitos gostariam de voltar, o que para a maioria era impossível. Aos poucos, os próprios colonos abriam as picadas e construía um caminho, cortavam troncos, arrancavam tocos, quebravam pedras, nivelaram o chão, construíam uma estrada, procuravam nos rios lugares rasos e faziam possível uma travessia.

Clauss escreve que a primeira fase na mata era extremamente difícil, embora o colono quisesse já nos primeiros anos comercializar seus produtos, mal conseguia alimentos para sua própria subsistência. Mas

A agricultura, num segundo estágio, sofre algumas notáveis transformações, isso comparativamente à anterior. As roças novas, onde as raízes dos troncos já estavam semi-apodrecidas e os troncos de árvores após secarem, serem queimadas e conseqüentemente, áreas mais limpas de destroços vegetais permitiram que o homem aderisse à ajuda animal para sua tarefa e ação sobre a terra. Passa a usar a junta de bois, de cavalos, de mulas para lavrar a terra. A colheita passa ser recolhida em carroças [...] Nessa fase a agricultura passa, a também a assumir uma dupla função: plantar e colher para o sustento da família, isto é, produzir alimento próprio e, para a barganha de excedentes. Já havia estradas, embora precárias e apenas carroçáveis e alguns comerciantes surgiram. Entre este e o colono, realizavam-se as barganhas que vem a ser a troca direta de produtos da lavoura por outros do comércio (manufaturados), exemplo: trocar um saco de feijão por querosene ou sal, enxada, tecido. Dinheiro quase inexistia. Os comerciantes carroceavam os produtos coloniais a Ijuí e, regressando, traziam mercadorias.¹⁰³

Aos poucos o governo, embora atrasado, começou a ajudar na construção de estradas melhores e de pontes, para isso pagava em vales por dia de serviço que podiam ser abatidos da dívida da terra ou trocados por mercadorias na fazenda conveniada. Estes, no entanto, descontavam o máximo e muitas vezes logravam brutalmente, para enriquecerem às custas dessa pobre gente do fundo das matas. Sem outros recursos e outros lugares de compra o

¹⁰² GARDOLINSKI, 1976, p. 45.

¹⁰³ CLAUSS, 1982, p. 47.

colono viu-se obrigado a aceitar a exploração. Witt destaca outra grande dificuldade. Os imigrantes não sabiam falar o português e isso lhes causava grande desconforto, “estavam entregues à própria sorte”, sentiram-se limitados para procurarem outra alternativa e enfrentavam “dificuldades até para conseguirem alimentos”, não poucas vezes, viram-se obrigados a vender o que tinham, até mesmo, a própria roupa. Não poucos, literalmente passavam fome. Se não tivessem os recursos naturais da mata virgem (caça e pesca), muitos teriam morrido pela fome.¹⁰⁴

1.3.6. Transtornos pela demora do governo na demarcação das terras

Desde o início, problemas com a ocupação de terra, sem a devida demarcação oficial também causava transtornos. Como o governo muitas vezes demorava, os colonos mediram seus lotes e se apossaram. Depois os revenderam sem o devido título de posse. Inúmeros viveram na incerteza sobre o lote. Passavam anos com dificuldade derrubando mato, limpando a área para fazer a “roça” ou o “potreiro” para o gado, sem a devida certeza de que a terra lhes pertencia. Havia ainda os espertos que se aproveitavam da situação, entravam floresta adentro, mediam lotes e revendiam “terras que não lhes pertenciam.”¹⁰⁵

Na colônia Ijuí foram assentadas muitas das famílias que esperavam pela medição das terras no barracão dos imigrantes em Silveira Martins. Assim, para alguns dos teuto-russos especialmente, o itinerário que percorreram para chegar ao seu pedaço de chão foi longo e penoso: primeiro foram levados para Caxias, depois para Silveira Martins e, só então, para Ijuí.¹⁰⁶

¹⁰⁴ WITT, 1996, p. 50.

¹⁰⁵ _____, 1996, p. 37.

¹⁰⁶ _____, 1996, p. 56.

2. O PAPEL PASTORAL JUNTO ÀS PESSOAS

2.1. Os pastores se empenharam no cuidado das pessoas

A dimensão do cuidado é amplo. Boff escreve: “Cuidar é mais do que um ato; é uma atitude. [...] O ser humano se não receber cuidado, desde o nascimento até a morte, [...] desestrutura-se, definha-se, perde sentido e morre.”¹⁰⁷ O cuidado tem muitas faces e modelos. A natureza revela bons exemplos. Os filhotes da maioria das espécies recebem os cuidados dos pais, ou pelo menos da mãe, que os gerou. Alimentação, higiene básica, aquecimento ou sombra, proteção, entre outros, são proporcionados de acordo com o instinto de cada espécie. Entre os animais que convivem em grupo, também ocorrem gestos de cuidados para sobrevivência coletiva. Nós seres humanos, observadores racionais, deveríamos aprender com tais ações promovidas pelos instintos. Não fomos criados para viver de forma isolada. Um necessita do outro. Jesus nos ensinou pela parábola do bom samaritano, o que importa mediante uma crise. Deus espera que sejamos o ‘próximo’ para o necessitado. Boff segue descrevendo faces do cuidado:

“Quando um acolhe o outro e assim realiza a co-existência, surge o amor como fenômeno biológico [...] se instaure como o mais alto valor da vida [...] que é a socialização. O amor é o fundamento do fenômeno social [...] é sempre uma abertura ao outro e uma con-vivência e co-munhão com o outro [o amor] se revela como grande força de agregação, de simpatia, de solidariedade. As pessoas se unem e recriam pela linguagem amorosa o sentimento de bemquerença e de pertença a um mesmo destino e a uma mesma caminhada histórica.”¹⁰⁸

¹⁰⁷ BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 33-34. Boff afirma que cuidado “se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa [...] O cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano [...] o descobrimos como um ser-no-mundo-com-outros sempre se relacionando, construindo seu habitat, ocupando-se com as coisas, preocupando-se com as pessoas, dedicando-se àquilo que lhe representa importância e valor e dispondo-se a sofrer e a alegrar-se com quem se sente unido e ama?” p.35

¹⁰⁸ BOFF, 1999, p. 110,111.

Witt faz menção de que o Pastor Pechmann, um pastor luterano, empenhou-se para ajudar essas famílias desassistidas com sua atuação pastoral, levando bem estar social e espiritual. Pechmann relatou:

Então cuidei dessas pessoas da melhor forma possível e lhes ofereci minha ajuda [...] imaginem: cerca de 1600 pessoas, estranhas no país, perplexas e desamparadas – cada um tinha algum desejo, algum pedido [...] um havia perdido algo no Rio, outro em Porto Alegre [...] este precisava de um atestado de óbito para um familiar [...] Eu havia assumido um trabalho enorme e, muitas vezes, não sabia como iria dar conta dele.¹⁰⁹

Segundo Boff, este cuidado que os pastores demonstraram, faz do indivíduo que se vê reduzido à insignificância e sem identidade a reviver “a experiência fundamental do valor, daquilo que tem importância e definitivamente conta. [...] A partir desse valor substantivo emerge a dimensão de alteridade, de respeito, de sacralidade, de reciprocidade e de complementaridade.”¹¹⁰

Na situação dos imigrantes, as ações das igrejas e seus pastores tiveram um papel decisivo. Gerhard Kleinert testemunhou que quando chegaram à Linha Machado (hoje Novo Machado/RS) dois pastores lhes saíram ao encontro: um batista e um luterano. Diante da viagem pavorosa a presença dos pastores e suas palavras aliviaram o sofrimento. Era um profundo consolo e amparo. Isso também é confirmado por outros avaliadores. “A presença do pastor no porto foi para os imigrantes um sinal de esperança e recuperação dos ânimos, abatidos pela longa viagem”.¹¹¹

Estabelecer os critérios centrais da igreja como comunidade de saúde integral é uma tarefa ineludível neste princípio de século tão decisivo para a história da humanidade. Os espaços sociais em que o ser humano pode encontrar o amor e companhia se estreitam cada vez mais. A humanidade reclama para si, em meio à sua crise, uma comunidade (de fé) que a sustente e oriente. O trabalho pastoral, desta forma, deverá visar uma restauração do ser humano que se traduza em saúde integral e mudança social.¹¹²

Os pastores deparam-se, nos seus campos de ações, com um povo que trazia as marcas da “dor, perplexidade, medo, incerteza, isolamento, rejeição, angústia, e inclusive desespero [...] uma realidade marcada pelo caos [...]”. Castellanos mostra no seu artigo que situações desta natureza constituem um ambiente favorável para instalação de outras mazelas. É um

¹⁰⁹ Die Masseneinwanderungen in Rio Grande do Sul und ihre Kirliche fersorgung, *Der Deutsche Ansiedler*, 29:50, jul. 1891. In: WITT, 1996, p.56 e 57.

¹¹⁰ BOFF, 1999, p. 96.

¹¹¹ WITT, 1996, p. 52. “As pessoas estavam visivelmente alegres por ter encontrado aqui um pastor, e alguns que já haviam desanimado recobram o ânimo, especialmente também com a garantia de que nós não os esqueceríamos, mas os visitaríamos de quando em quando” (SCREIBER, Konrad. *Ein besuch bei den deutsch-evangelischen Einwanderern in den Kolonien von Alfredo Chaves*, *Sontagsblatt*, 4 (10):38-40, 1891. In: WITT, 1996, p. 52).

¹¹² CASTELLANOS, Sergio Ulloa. *A Igreja como comunidade de saúde integral*. In: SANTOS, Hugo N. *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral: Contribuições a partir da América Latina e Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008, p. 101.

ambiente propício para marginalização do indivíduo. As relações humanas tornam-se frágeis, se rompem. A família, a base da sociedade é afetada. A crise de identidade pode sucumbir no alcoolismo, nos vícios imorais, na depressão e na desistência de viver. A família vê a instalação da violência e corrupção. E por fim, o suicídio.¹¹³

A sabedoria dos pastores, (Schipani)¹¹⁴ foi montar estratégias de ações, tanto pelo aconselhamento pastoral como pelas ações práticas da igreja, que resultassem na construção de um ambiente mais humano, numa sociedade de relações de ajuda (entre a vizinhança, parentes e comunidade de fé), baseados no princípio cristão do amor, da misericórdia e do cuidado do outro.

“Todos nos sentimos ligados e religados uns com os outros, formando um todo organico único, diverso e sempre incluyente [...] ocorrem resistências e emergem perplexidades. Mas elas são superadas pela paciência perseverante. No lugar de agressividade, há a convivência amorosa. Em vez da dominância, há a companhia afetuosa, ao lado e junto com o outro. [...] Juntos constituem a integralidade da experiência humana, por um lado, ligada à materialidade e, por outro, à espiritualidade.”¹¹⁵

Pastores, com a visão da amplitude dos valores do reino de Deus, investiram no integral do ser humano: na espiritualidade do indivíduo, na integralidade das famílias e na construção de uma sociedade justa, de bem estar coletivo. Os pastores entenderam que

A intervenção Pastoral [... ajuda] a pessoa a “juntar os cacos” e a reconstruir paulatinamente a sua vida dentro da sua nova realidade, fazendo uso dos recursos espirituais, humanos e materiais de que ela ainda dispõe. Numa situação de crise é importante que a pessoa consiga organizar o caos, separando o que deve ser feito primeiro e o que pode ser deixado para depois. Cada passo dado em direção ascendente, por menor que seja, servirá de estímulo para os passos maiores que serão dados no momento certo e num ritmo compatível com os recursos e a força interior disponíveis. As maiores inimigas na superação duma crise são a apatia e a tentativa de transferir a responsabilidade de solucioná-la a terceiros.¹¹⁶

Por meio da igreja, a comunidade da fé, os pastores também fomentavam pela pregação da mensagem profética, uma vida nova. Jesus, precursor e modelo de uma nova maneira de viver pela fé, inspira todos os seus seguidores a depositar em Deus sua esperança e se apoderar da vida, para construí-la dignamente. A fé, um dom que está em cada indivíduo, pode ser usado para reconciliar-se com Deus, renovar as forças, recobrar o ânimo, dar valor

¹¹³ CASTELLANOS, 2008, p. 101.

¹¹⁴ SCHIPANI, Daniel S. *O Caminho da Sabedoria no Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2003. “Sabedoria à luz de Deus”, ou seja, “a orientação e a linguagem da sabedoria bíblica” que os pastores usaram, p. 46. Para maiores detalhes sobre resgatar a sabedoria como cerne no Aconselhamento pastoral e/ou “sabedoria divina” ou “sabedoria à luz de Deus” a partir de uma perspectiva teológica prática, ver p.44-70.

¹¹⁵ BOFF, 1999, p. 96,97.

¹¹⁶ HOCH, Lothar Carlos. *A Crise Pessoal e sua Dinâmica: Uma Abordagem a partir da psicologia Pastoral*. In: SCHEUNEMANN, Arno V.; HOCH Lothar Carlos (Orgs). *Redes de Apoio na Crise*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Associação Brasileira de Aconselhamento – ABAC, 2003, p.42 e 43.

para si e para os outros e construir o futuro. Também serve para ver outros personagens bíblicos, que outrora frente aos obstáculos, venceram sem sucumbir à marginalização moral.

O amparo que as pessoas sentiram junto aos pastores e suas respectivas igrejas evitou a ocorrência maior de suicídios e outras atrocidades. Recordo de alguns testemunhos orais dos mais idosos, que hoje não vivem mais, ressaltaram que houve momentos que o pastor era um ombro amigo. Boff escreve: “Só nós humanos podemos sentar-nos à mesa com o amigo frustrado, colocar-lhe a mão no ombro [...] e trazer-lhe consolação e esperança. Construimos o mundo a partir de laços afetivos. Esses laços tornam pessoas e as situações preciosas, portadoras de valor.”¹¹⁷ Os pastores foram figuras exemplares e referência de cuidado.

2.1.1. Os pastores auxiliavam na organização das comunidades

O pastor geralmente também foi visto como o homem mais capaz para organizar a comunidade: O Pastor Pechmann relatou:

*No sábado e no domingo, [...] conferenciei com os homens sobre o que se deveria fazer para que a comunidade e as escolas possam ser fundadas. Primeiramente, elegemos uma diretoria, composta por dois homens de cada picada, a qual deverá se reunir de tempos em tempos e deliberar sobre o bem-estar da comunidade [...].*¹¹⁸

O pastor evangélico, além de conselheiro espiritual, era um assessor e um homem de confiança para toda hora. Normalmente, era ao mesmo tempo professor, presidente de alguma associação ou clube, diretor de círculos musicais ou literários, e não raras vezes também economicamente ativo, especialmente na agricultura e na jardinagem.¹¹⁹

Não raro, os pastores também se empenharam com o progresso dos imigrantes. Incentivavam atividades criativas, como rodas d'água que poderiam girar geradores, trituradores, descascadores, serra-fita, moinhos, engenhos, cerrarias, etc., para consumo e prestação de serviços a terceiros, nem que fosse por troca-troca de mercadorias. Serviços profissionais de carpintaria, marcenaria, ferraria, entre outros, poderia ser desenvolvido. Pastores viam essa gente que veio buscar melhorias de vida econômica para sua família se via, por vezes, em apuros pela difícil comercialização dos produtos excedentes da subsistência e encontrar serviços de beneficiamento, como moinho. Ainda que nas primeiras décadas do século XX, o comércio era dificultado nessa longínqua região de Santa Rosa em relação à capital e porto fluvial, era necessário estabelecer escoamento dos produtos da região. Como

¹¹⁷ BOFF, 1999, p. 99.

¹¹⁸ Unsere pflicht den eingewanderten Glaubensgenossen gegenüber, op. cit., p. 54. In: WITT, 1996 p. 57.

¹¹⁹ LEGE, Klaus Wilhelm. *A História Alemã do Brasil*. Publicação da Câmara Brasil Alemanha: São Paulo, 2001, 7 v., p. 112.

já mencionado acima, isso foi facilitado pelo prolongamento das vias férreas até Santa Rosa, mas somente na década de 40. Antes disso, havia por vezes fileiras de carroças indo a Giruá, ou até mesmo a Santo Ângelo.

O elemento imigrante teria que ter produtos de consumo para vender ao centro do país ou até mesmo, para exportação. Por muitos anos, um dos produtos era cortar e vender dormentes para assentamento de trilhos de trem. Já que madeira de lei não era problema na exuberante mata nativa, a floresta subtropical fornecia excelentes dormentes das espécies de angico, canafistola, grápia, ipê, tarumã, canjerana, guajuvira, guatambu, timbaúva, etc. Produto esse, levado com carroças, puxado a boi, cuja viagem levava dias até o destino.

Outra dificuldade era estabelecer comércio de outros produtos por serem perecíveis. Banha suína se conservava e foi comercializada por décadas. Mas o porco teria que ser criado. Isso demandava alimentação. Derrubar o robusto mato, queimar e limpar a área, plantar e cultivar milho, armazená-lo em galpões, e usá-lo para tratar porcos por um ano ou mais, para então carneá-los e vender a banha. Um serviço e tanto para uma família. Pastores também se engajaram para buscar alternativas aos colonos. Pensando nisso, foi que o pastor luterano Albert Lehenbauer, da Linha Quinze de Novembro (hoje no município de Santa Rosa/RS) trouxe em 1923 um punhado de grãos de soja da variedade “Amarela Comum” dos EUA, como experimento para alimento aos porcos.¹²⁰ O pastor distribuiu a pouca semente para quatro agricultores, para que estes plantassem e guardassem toda semente para ao ano seguinte. Plano perfeito! Os agricultores durante anos plantaram soja em consórcio com o milho. Rendimento em dobro! Tornou-se um grande benefício em toda região. Mas não somente isso, um simples experimento virou um dos principais produtos de consumo humano e de exportações.¹²¹

2.2. Por meio da Igreja quebrava-se o isolamento na mata.

Se a igreja não estivesse presente, muitas facetas da vida teriam sido piores. Por meio dela, por exemplo, quebrava-se o isolamento na mata. Quando famílias se sentem inferiorizadas por vezes, se auto-discriminam. Como escreve Valburga Streck: “Muitas vezes as famílias pobres, quando têm problemas, se isolam e ficam sem uma rede de parentes e amigos para ajudar ou dialogar nas horas difíceis. [...] Quanto mais se isolam, mais graves se

¹²⁰ RUEDELL, José. *O Cultivo da Soja no Brasil*. 2001. p.2. Disponível em: <<http://www.loccum.de/material/arbeit/soja/ruedell.pdf>>. Acesso em 17 out. 2009.

¹²¹ RUEDELL, 2001. p.2. Ruedell diz que “em 1938 ocorreu a primeira exportação de 3 mil sacos de soja à Alemanha (+- 180 t), realizado pelo comerciante Frederico Ortmann, de Santo Angelo”.

tornam os problemas.”¹²² Os pastores perceberam isso e realizavam constantes visitas a pessoas, pois sabiam:

*Estar sozinho, contar apenas consigo mesmo, no máximo, com os seus familiares em caso de doença, de morte, quando o coração gostaria tanto de se agarrar a alguém outro, quando se gostaria tanto de ouvir uma palavra de consolo da boca de outra pessoa, mesmo que fosse para não ouvir outra coisa do que aquilo que a gente já disse a si próprio centenas de vezes – isso deve ser, realmente, um tormento. Passam-se os dias, passam-se as semanas, sem que se ouça outro som a não ser a sua própria voz ou a voz dos seus familiares; não há conversa sobre outro assunto do que aquilo que diz respeito aos afazeres diários; ou, então, o assunto são os perigos que podem sobrevir a qualquer hora; não há qualquer material de leitura que pudesse ajuda-los a manter viva a sua mente! Não é de se admirar que esses pioneiros definhassem espiritualmente!*¹²³

*Estudos [...] nos auxiliam a entender o caráter muito mais comunitário da igreja que se organizou na região da imigração [...] a construção da capela ou da igreja foi de iniciativa de colonos que elegiam as diretorias e comissões construtoras. Uma pessoa do seio do grupo exerceria a incumbência de cuidar da capela ou de providenciar os necessários reparos. Igreja ou capela não tinham apenas função cültica. Tornaram-se centros de vida social e cultural. “Igreja” significa um conjunto formado por capela, cemitério, escola, salão de festa, campo esportivo.*¹²⁴

Nas novas colônias os primeiros anos foram extremamente árduos:

*“[...] ali podiam contar somente consigo mesmos e com a solidariedade dos vizinhos. As estradas eram poucas [...] teriam de ajudar a abri-las. Escolas para os filhos não havia; teriam de fundá-las [...] teriam de começar da estaca zero. A dispersão e o isolamento foram desafios [...] sendo também causas de uma vida rude.”*¹²⁵

Para o colono, que se via condenado a uma vida de lutas com muito trabalho, sem incentivo e monótono, pertencer à igreja e poder freqüentar os cultos não se resumia em cumprimento de tradições cristãs. Era um fortalecimento vital para enfrentar e vencer as dificuldades de uma vida rude e do tédio do dia-a-dia. Pessoas testemunharam que pela igreja puderam ter sua fé renovada, sentiram a manifestação da glória e do poder de Deus.

Existe um provérbio popular em Novo Machado/RS que diz: “à primeira geração (os imigrantes) à morte; à segunda, à necessidade; à terceira, o pão” (tradução nossa).¹²⁶ É a realidade das gerações. As novas gerações não têm noção com que dificuldade os antepassados construíram o futuro, que hoje se desfruta.

¹²² STRECK, Valburga S. *Famílias no Contexto da Pobreza: Uma tarefa para o Aconselhamento Pastoral*. In: BOBSIN, Oneide; ZWETSCH, Roberto (Orgs). *Prática Cristã: Novos Rumos*. São Leopoldo: Sinodal; IEPG, 1999, p. 35. O texto de Streck mostra a importância da rede de apoio para uma família em dificuldades.

¹²³ DIETSCHI, Jhanes R. *Der Deutsche Ansiedler, 24:37, maio 1886* In: WITT, 1996, p.63.

¹²⁴ RAMBO, Artur B. *O Associativismo teuto-brasileiro e os primórdios do cooperativismo no Brasil*. São Leopoldo: Unissinos, 1988. In: DREHER, 1998, p. 29.

¹²⁵ DIETSCHI, Jhanes R. *Der Deutsche Ansiedler, 24:37, maio 1886* In: In: WITT, 1996, p.63.

¹²⁶ Um provérbio de tradição oral, que na língua alemã rima: “*Die Erste Generation, hate den Tod; die Zweite, hatte die not; die Dritte, hat das Brot.*”

2.2.1. Por meio da Igreja o povo mantinha a espiritualidade

Até a vinda do imigrante alemão a religião oficial era o Catolicismo Romano, trazido pelos portugueses. Com a imigração quebrou-se o monobloco oficial religioso. Para ser possível a vinda dos imigrantes alemães prometeu-se por parte do governo imperial a liberdade religiosa. Os protestantes não se submetiam como o índio e o negro ao catolicismo, cujas espiritualidades facilmente sincretizavam os elementos de suas tradições. Procuravam manter seu credo religioso, o que nem sempre foi fácil. Sem ajuda do governo na promoção da liberdade religiosa, e muitas vezes sem pastor, tiveram que achar alternativas nas restrições religiosas.

Até a constituição da República Federativa do Brasil, em 1889, o catolicismo era a religião do Estado. Aos protestantes era permitido construir capelas (templos) desde que não tivessem torres. A nova Constituição da República instalada separou a Igreja e o Estado e abriu a porta para a instalação de novas ordens religiosas.¹²⁷

O termo espiritualidade nesta dissertação deve ser entendido “um despertar religioso”, “que se expressa nas diversas liturgias, hinos, orações, ritos, etc.”¹²⁸ Sobre espiritualidade muito material já foi produzido. Na antiguidade muitos filósofos e místicos afirmavam que o homem é um ser com uma dimensão transcendente, uma ordem espiritual de superior existência, pelo fato que ele sonha com um mundo perfeito de amor e justiça.

Na história recente, especialmente nos últimos três séculos, vemos o surgimento de várias teorias humanistas, positivistas e outros sobre antropologia e existencialismo humano. Essa visão cartesiana-newtoniana tendia secularizar tudo. Acusava-se o cristianismo pelo atraso da sociedade. Usava-se a ciência como trampolim de uma nova era, despida de religiosidade. Vendia-se uma imagem “mecanicista” do homem. O homem seria constituído de “mecanismos propulsores” e de “defesa”, “dos mais variados tipos os quais mantêm em movimento aquele aparelho que se chama homem”.¹²⁹ Produto da evolução natural de ancestrais, ou seja, espécies inferiores (darwinismo). Marx Argumentava que a religião desapareceria por ser uma invenção humana, uma infantilidade. Freud, o pai da psicanálise, afirmava ser a religião uma neurose da humanidade. Assim como o gerino se torna em sapo,

¹²⁷ ROCKENBACH, Silvio A., FLORES, Hilda A. H. *Imigração Alemã: 180 - anos história e Cultura*. Porto Alegre: CORAG, 2004, p. 47.

¹²⁸ BRANDT, Herman. *Espiritualidade: vivência da Graça*. 2. ed. rev. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2006, p. 35-37.

¹²⁹ WOLFF, Hanna. *Jesus psicoterapeuta: o comportamento de Jesus em relação ao homem, como modelo da moderna psicoterapia*. São Paulo: Paulinas, 1988, p.149-150.

perdendo seu rabo, a ciência “comprovaria” a inexistência de Deus/deuses. Tudo se resume em matéria. Tudo seria regido por leis físicas e imutáveis. Marx apostou que se fosse construída uma sociedade justa a religião desapareceria. Pensou que ela foi gerada pela opressão da injustiça social. Mas na prática, tanto Marx como Freud e todos atalaias acerca do futuro da religião, se viram cercado das suas próprias fantasias. A religião não somente sobreviveu ao criticismo científico, mas saiu fortalecida para sobreviver, ainda que de tempos em tempos apareça com novas roupagens.¹³⁰

Diz em Gênesis, que Deus criou o ser humano, segundo *à sua imagem e semelhança*; soprou-lhe a vida, passando ser alma vivente. E este passou relacionar-se com Deus.¹³¹ Vivia profundamente a espiritualidade em contato direto e literal com Deus, o criador. Por toda história bíblica e extra-bíblica vê-se a relação transcendental. Os israelitas ora viviam intensamente, ora estavam esfriados pelo desvio da fé, como no tempo dos juízes, do antigo Israel. Mas, Deus fala denunciando pelos profetas a falta de interesse por parte do povo para relacionar-se mais intensamente com o SENHOR, advertindo-o que deve buscá-lo enquanto está perto. Vemos os outros povos serem todos religiosos, até mesmo os mais isolados grupos das florestas ou ilhas. Jesus reafirmou os ditos dos profetas e pela sua mensagem anunciou a vinda do Reino de Deus, a salvação. Este se espalharia por toda terra. Os discípulos influenciados pelo prenúncio, depois de testemunharem a terrível morte expiatória na crucificação, a impressionante ressurreição de Cristo e experimentarem o derramar do Espírito Santo no dia de Pentecostes, passaram a anunciar a mensagem de salvação a todo mundo. O Cristianismo espalhou-se sobre a terra conforme profetizado. A Europa estava

¹³⁰ ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 7-30. Nesse texto Alves argumenta que a verdadeira religião é a alimentada com uma paixão subjetiva, onde Deus não é um objeto de conhecimento, mas de experiências. Não uma expressão de nossos desejos, conforme a teoria de Freud e Feuerbach. Os símbolos na religião têm verdadeiros significados, são expressões de experiências de vida, enquanto que a mentalidade positivista os taxou de ilusões humanas, que vive prisioneiro em superstições que há muito tempo se tornaram obsoletas. Todavia, as origens da religião se dão justamente entre a decepção intrigante do ser humano num mundo onde deveria reinar o amor, e a dura realidade do mundo objetivo, que ignora totalmente as exigências do coração. A religião é voz de uma consciência que não pode encontrar descanso diante dum mundo com mentalidade científico-positivista. A religião não é uma hipótese, questão filosófica da existência de deuses. Nela o homem exprime como o homem vive aqui, e projeta-se para o transcendente. Nela o homem expressa sua esperança de que haverá um mundo diferente, um mundo de amor. Entrementes, a tendência se inverteu apesar de toda campanha da alta crítica, do ateísmo e do comunismo. A própria ciência, depois de longa volta está, vindo com várias indicações de que o homem não é bem assim. Existem outras leis em movimento, não só as físicas. A física quântica, por exemplo, provou que a matéria na verdade é “energia condensada”. Alves diz que a religião está em dimensões diferentes, mais profundos, assim como a música com sua beleza. O físico, se fizer sua descrição teórica das vibrações musicais, não consegue descrever sua beleza. Igualmente a beleza da estética, ou arquitetônica. É uma interpretação emocional em cada indivíduo que aponta o belo. Daí os “gostos não se discutem” porque é algo pessoal. Assim a religião “não é um objeto, mas uma relação” dos envolvidos.

¹³¹ A BIBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997, Gênesis 1. 26,27.

cristianizada quando nossos imigrantes migraram. Trouxeram seu credo cristão consigo. Mas precisavam nutri-lo. Vivenciá-lo. E parece que quanto mais pressões externas sofriam mais necessitavam de contato transcendental.

Em muitos lares havia diariamente o momento devocional, onde a família dedicava um momento para leitura bíblica, ou livro devocional e oração. Isso nutria a espiritualidade.

*“Cuidar do espírito significa cuidar dos valores que dão rumo à nossa vida e das significações que geram esperança para além da nossa morte [...] implica colocar os compromissos éticos acima dos interesses pessoais ou coletivos [...] cuidar do espírito demanda alimentar a brasa interior da contemplação e da oração para que nunca se apague [...] significa cuidar espiritualidade experimentando Deus em tudo e permitindo seu permanente nascer e renascer no coração [...]”*¹³²

O culto na igreja, com a participação congregacional nos cânticos e hinos, bem como a prédica do pastor proporcionavam momentos especiais de resgate do fervor espiritual. A fé era alimentada. Jesus Cristo tornou-se o elo do retorno a Deus. Retornar a Deus significava estar reconciliado com Deus. Ter obtido o perdão por graça. Ter consciência purificada. Ser filho/a de Deus, sendo amado/a por Deus Pai. Ter o Espírito Santo e poder de Deus para vencer. Significava dignidade, como cidadão celestial. Estar apto para servir no Reino de Deus, ajudando na igreja e outras pessoas com algumas ações voluntárias que estavam ao alcance.

2.2.2. Os pastores pregavam uma mensagem de perspectiva futura

Viktor Frankl, no seu livro “Em busca de sentido: um psicólogo em campo de concentração” aborda a questão existencial humana. Se uma pessoa sofre da falta de sentido de viver, é por que está psiquicamente enfermo. Sofre de “neuroses noogênicas”. Tal enfermidade psíquica se instala quando o indivíduo sofre uma ou diversas frustrações e não encontra respostas ao seu sofrimento. O psiquiatra Frankl fala com propriedade, baseado na experiência própria e de companheiros sobreviventes: “Para quem entrega os pontos como pessoa, por não mais conseguir apoiar-se num alvo futuro, [...] acaba desembocando numa forma de existência retrospectiva [...] se presta para depreciação do presente com seus horrores.” O perigo de desistir está no entregar-se à revelia e abrir mão de criar situações de sobrevivência. É um abandono de si mesmo. É não alimentar a perspectiva de futuro. “Perde a oportunidade de crescer interiormente para [...] transformar as dificuldades externas da vida [...]”¹³³

¹³² BOFF, 1999, p. 151.

¹³³ VIKTOR, E. Frankl. *Em Busca de Sentido: Um Psicólogo em Campo de Concentração*. São Leopoldo: Sinodal, 1987, p. 91. Frankl mesmo sobreviveu em quatro campos de concentrações nazistas.

A igreja era portadora da mensagem do evangelho da reconciliação, da ressurreição, de reencontro com os entes querido no futuro. Se a vida terreal não satisfaz e oferecer muitas mazelas, há uma perspectiva futura de uma vida melhor, um porvir glorioso, onde cada crente perseverante terá sua recompensa. Mensagem essa que confortava e reanimava os ouvintes. Essa também era uma das faces do cuidado que igreja promovia. Boff escreve:

“O cuidado como modo-de-ser perpassa toda a existência humana e possui ressonâncias em diversas atitudes importantes. Através dele as dimensões de céu (transcendência) e as dimensões de terra (imanência) buscam seu equilíbrio e co-existência. Realiza-se também nos seres vivos, pois toda vida precisa de cuidado, caso contrário adoce e morre.”¹³⁴

2.2.3. Os pastores ensinavam o povo a cuidar do outro

Ao mesmo tempo em que em que os próprios pastores aplicavam a teologia prática do cuidado, ensinavam o povo a imitá-los, a olhar para o outro com olhares de amor e misericórdia. A Igreja Batista de Lajeado Terrêncio, hoje Novo Machado, já investia na década de 1950 não somente na sua própria comunidade, mas enviava donativos a outras localidades. Em 19 de Julho de 1959 enviou “2:000,00 Cruzeiros” para o asilo da organização Batista em Panambi/RS. Na mesma ata ainda foi decidido que cada casal receberia uma bíblia no dia do seu casamento.¹³⁵ Em 17 de Janeiro de 1960 foi determinado o envio de uma oferta a um lar de cegos, no Rio de Janeiro/RJ.¹³⁶ Já em 21 de agosto de 1960 a igreja enviou “10 Konto” para o asilo da organização em Ijuí/RS e mais “10 Konto” para socorrer desabrigados no norte do país.¹³⁷ Em 22 de janeiro de 1961 a Assembléia Geral Ordinária determinou auxiliar com “5 Konto” uma família de membros que atravessava dificuldades devido uma enfermidade.¹³⁸ Pela primeira vez (mas soa como uma prática comum já existente), na ata anual de 1974, aparece o “caixa dos pobres” com entradas totais de 275,00 Cruzeiros.¹³⁹ Logo na ata anual de 1975 é descrita como “Liebesdinstkasse”, traduzindo, “caixa da obra do amor”.¹⁴⁰ Depois, faz silêncio, só aparece na ata de 12 de Janeiro de 1980 outra modalidade: “Tabea Kasse Altenheim” (Caixa Tabea Asilo, tradução nossa), com entradas de 7450,00.¹⁴¹

¹³⁴ BOFF, 1999, p. 109.

¹³⁵ IGREJA BATISTA PIONEIRA. Lajeado Terrêncio. [s.n.] Ata da Assembléia Geral Extraordinaria de 19 de Julho de 1959. Livro Ata n. 1. Não paginado.

¹³⁶ _____, Ata de 17 de Janeiro de 1960.

¹³⁷ _____, Ata de 21 de Agosto de 1960.

¹³⁸ _____, Ata de 22 de Janeiro de 1961.

¹³⁹ IGREJA BATISTA PIONEIRA. Lajeado Terrêncio. Ata n. 24. Ata da Assembléia Geral Ordinária de 21 de Janeiro de 1974. Livro Ata n. 2. p. 18.

¹⁴⁰ _____, Ata de n. 27, de 28 de Dezembro de 1975, p. 22.

¹⁴¹ _____, Ata [s.n.], de 12 de Janeiro de 1980, p. 49.

Nas atas seqüentes não aparece mais o referido caixa de auxílio aos pobres. E, provavelmente esses socorros e o envio de ofertas para fora já acontecia antes de 1959, como uma prática anual a orfanatos, asilos, seminário teológico, entre outros, já que nas atas se percebe que já era prática comum. Indubitavelmente, muitas decisões foram tomadas pela diretoria e não há registro dessas reuniões. As atas das Assembléias Gerais não têm todos os registros pormenores. Parece que foram registradas somente mudanças ou tomadas de decisões novas com peso maior. Também nas prestações de contas foram registradas somente as somas das entradas e saídas. Em suma, a referida igreja, cedo na sua experiência, aprendeu o valor da prática da generosidade e até hoje continua investindo para fora dos seus limites eclesiais.

2.3. Os piedosos mantiveram sua fé mesmo na escassez de pastores

Boa parte, talvez a maioria dos imigrantes protestantes alemães-russos, era de religiosidade mais piedosa e não se sujeitava à vida desregrada. O crente não se contentava com um credo de fé teórico e abstrato. Buscava Deus em devocionais privados e cultos públicos. Procurava viver reconciliado e ter íntima comunhão com o Transcendente. Expressava a fé na consagração e a santificação pessoal. Abstinha-se de tudo que julgava carnal, mundano, renunciando até mesmo muitos prazeres e diversões. A Bíblia e o hinário, cujos hinos expressaram sua fé, foram usados diariamente. Desenvolveu sua espiritualidade, cultivou a vida cristã de forma mais fervorosa, exteriorizando-a em comunhão com os outros da mesma fé, num corpo, a igreja.¹⁴²

*Sem pastores, não querendo converter-se ao catolicismo, as comunidades do Rio Grande do Sul começaram a designar leigos do seu próprio meio para exercer funções pastorais. Esses pastores (eram) eleitos sem formação teológica [...] Com isso os mais diferentes tipos de pessoas puderam se tornar pastores[...]*¹⁴³

Convém notar que, na região noroeste do estado, as principais igrejas evangélicas se estabeleceram nas colônias alemãs até 1937. Grupos que se encontraram isolados também buscaram forças em conjunto, começando. A se reunir nas casas para oração, comunhão e leitura da Palavra de Deus. Muitos desses pontos de pregação prosperaram e tornaram-se campos de trabalhos organizados com suas paróquias e igrejas-sede com suas respectivas filiais e congregações. Roberto Radunz, na sua dissertação de mestrado, escreve:

Ao emigrarem para o Brasil, os imigrantes depararam-se com uma nova realidade em termos de organização religiosa: os primeiros colonos tinham que organizar suas próprias comunidades, e esta organização dava-se, na maioria das vezes, sem

¹⁴² RADUNZ, 1994, p. 35.

¹⁴³ DREHER, Martin N. *Igreja e Germanidade. Estudo Crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal, 1984. In: DREHER, 1998 p. 29.

*muita formalidade. Iniciava-se na forma de cultos domésticos, depois construía-se a igreja ou a capela, eram elaborados os estatutos e eleitas as diretorias.*¹⁴⁴

Witt também escreve que:

*[...] em muitas localidades a ausência do Pastor não era motivo para que não se mantivesse viva e atuante a espiritualidade herdada. Em especial os teuto-russos levavam uma vida marcada por sua piedade: orações à mesa, celebração pela manhã e à noite, bem como as leituras de sermões aos domingos faziam parte da vida de muitas famílias. A pregação itinerante deveria assistir essas pessoas na preservação e no fortalecimento de sua espiritualidade. Por outro lado, deveria reconquistar aqueles que já não se importavam com as questões relacionadas à fé cristã e Igreja.*¹⁴⁵

Radunz, mostra a importância social da igreja:

[...] O sentimento religioso fazia parte da cultura do povo alemão, e ao serem trasladados para a nova pátria, buscaram cultivar este sentimento. Nessa busca, a primeira preocupação foi a organização de um espaço que pudesse centralizar este sentimento, ou seja, a construção de uma igreja, de uma casa pastoral e, se possível de um cemitério.

Organizadas as comunidades, a seguinte preocupação referia-se à escolha ou ao chamado de uma pessoa [...] por delegação da comunidade, incorporar principalmente aquelas necessárias socialmente, como: batismo [...], casamento e enterro.

*Um dos princípios básicos que levaram os colonos a fundarem comunidades religiosas, está vinculado à necessidade de criarem uma vida social de caráter oficial, ou seja, reconhecida pelo conjunto da sociedade.*¹⁴⁶

Radunz, também relata que mesmo na falta de um pastor procuraram resolver seus problemas:

*Entre os alemães protestantes, onde havia sérios problemas de atendimento sistemático religioso, as próprias comunidades procuraram equacionar seus problemas elegendo, dentro do próprio grupo, alguém que haveria de assumir o cargo de “pfarrer” (pastor), os quais, na maioria das vezes, não tinham formação teológica e nem eram ordenados.*¹⁴⁷

A Professora Janete Spielmann relata que nas comunidades mais afastadas, que hoje compreende Novo machado – RS, nos primeiros tempos também não existiam igrejas. O crente “se reunia com outras pessoas da mesma religião e eles mesmos oravam a Deus. Não havia Pastor que dirigisse um culto. Apesar das dificuldades que passavam, estas pessoas louvavam, oravam a Deus com muita fé. Esta fé fortalecia a cada um, ajudando-os a vencer.”

¹⁴⁸ O Missionário Horst Krüger, que chegou pela primeira vez no Brasil no ano de 1965, também ficou impressionado com a fé e temor do povo, algo que já não se via dessa forma na Europa.¹⁴⁹

¹⁴⁴ RADUNZ, 1994, p. 35.

¹⁴⁵ WITT, 1996, P. 70.

¹⁴⁶ RADUNZ, 1994, p. 9.

¹⁴⁷ _____, 1994, p. 24.

¹⁴⁸ PRIEBE, 2004, p. 31

¹⁴⁹ KRÜGER, Horst. ...*Das Deine Hand Mit Mir Sei!* Achen: Missionsverlag Horst Krüger, 1994, p. 83.

2.3.1. Famílias afastadas também encontram auxílio espiritual pelo rádio

Embora, quando surgiu a transmissão radiofônica, o colono ainda não podia possuir seu aparelho, mas aos poucos a novidade foi chegando. Já em 1934, Rudolfo Fronza, de Bela Harmonia (hoje município de Tucunduva, RS) adquiriu um exemplar. Parece que foi o primeiro na região. O rádio era enorme e acompanhado por duas baterias, uma roda de água com dínamo e carregador. Quando uma bateria era usada no rádio carregava-se a outra. Caros, para adquirir um exemplar, era necessário vender 1000 Kg de porcos. Nas noites, sábados à tarde e aos domingos, o rádio atraía os vizinhos e parentes. Chegava a aglomerar muita gente.¹⁵⁰

Convém destacar que com o rádio as pessoas também encontraram auxílio espiritual com a fundação de duas emissoras com programação evangélica. A escuta diária desses programas transmitidos pela Rádio HCJB (de Quito, Equador) e outra, a Rádio Transmundial, (das Antilhas Holandesas), ajudou muitas pessoas. Ambas transmitiram na língua alemã a mensagem de esperança. Muitas foram as cartas de agradecimentos escritas na língua alemã, enviadas do sul do Brasil, das regiões de imigração alemã. Ambas as emissoras continuam transmitindo seus programas e atualmente diversas pessoas, especialmente as mais idosas, continuam na escuta noturna.¹⁵¹

Aconselhamentos à distância, pelo rádio, as pessoas escreviam cartas e recebiam a resposta pela transmissão no ar.

2.3.2. O investimento missionário trouxe benefícios!

As igrejas (denominações) também tinham sérias dificuldades para atender às demandas. Os principais desafios foram:

- A grande distância Rio Grande do Sul adentro, que, na maioria das vezes, os missionários tiveram que percorrer a pé ou a cavalo;
- Número insuficiente de obreiros (pastores, evangelistas, missionários, etc.) devidamente preparados (formados) para atender satisfatoriamente todos locais. Não era suficiente ter conhecimento teológico, era necessário saber cavalgar, enfrentar sobre o lombo animal a chuva, raios e trovoadas, frio,

¹⁵⁰ CLAUSS, 1982, p. 111.

¹⁵¹ KRÜGER, 1994, p. 83. Krüger, Missionário Alemão, também percebeu o quanto influenciaram tais programações radiofônicas e pessoalmente investiu com programas radiofônicos por 3 emissoras nos seus 20 anos de atuação no Brasil.

neblina, calor, seca. Na selva, caminhar ou cavalgar nas picadas eram dificultadas pelos troncos caídos, tocos pontiagudos, espinhos, pedras, pântanos, arroios e rios, enchentes. Também o animal tinha que receber o devido cuidado. Seguidamente o obreiro se defrontava com animais peçonhentos e perigosos e precisava recorrer às técnicas de primeiros socorros;¹⁵²

- Recursos financeiros insuficientes para o sustento dos missionários e os projetos missionários;
- Falta de infra-estrutura e material de apoio. Cavalos, charretes, bíblias, hinários, remédios, barracas, etc., não supriam a demanda, bem como atendimento médico aos obreiros enfermos e suas famílias e boa escola aos filhos;
- Meios de comunicação mais eficaz entre os obreiros. Os primeiros telefones permaneciam somente nos principais centros;
- Problemas com os péssimos ou falsos obreiros.
- Perseguição por religiosos, por grupos arteiros, assaltos, etc.

Ainda assim, os abnegados homens de Deus, com suas famílias, trabalhavam duros, para manter organizada sua própria casa, e poder empreender as viagens missionárias. Desenvolviavam um excelente trabalho pastoral junto às pessoas.

A Igreja Evangélica Luterana da Alemanha, a partir de 1860, enviou alguns missionários ao Brasil para atender seus membros. Mas as dificuldades eram enormes, até que em 20 de Maio de 1886, foi fundado o Sínodo Rio-Grandense, hoje parte da IECLB, criado para organizar melhor o trabalho. Solidificou-se pela constituição de igrejas (comunidades) no Estado do Rio Grande do Sul, atendendo as famílias evangélicas que iam migrando para as mais diversas localidades. Para atender às colônias os poucos pregadores tiveram que viajar longas distâncias. Uma solução provisória encontrada foi criar oficialmente, a partir de 1891, o pregador itinerante. Separaram-se alguns pastores para essa tarefa, os quais com dedicação organizaram e serviram as comunidades distantes dessa forma, levando consolo pastoral, encorajamentos e assinalaram esperanças. Essas atividades permaneceram até 1914, quando foi estabelecida uma sede pastoral em Cerro Pelado (Porto Xavier) e outra em Linha

¹⁵² WACHHOLZ, Wilhelm. *“Atravessem e ajudem-nos” – Atuação da “Sociedade Evangélica de Barmen” e de seus obreiros e obreiras enviados ao Rio Grande do Sua (1864-1899)*. São Leopoldo: EST, 2003, p. 517 e 518.

República (hoje município de Giruá). Obviamente os pastores tiveram que continuar enfrentando a distância na sua região eclesiástica.¹⁵³

João da Costa Correia, médico, iniciou o pioneiro trabalho da Igreja Metodista no Rio Grande do Sul no ano de 1875, diante dos mesmos desafios, não progrediu muito no meio rural das colônias alemãs. Preferiu estabelecer-se nas cidades. Os Batistas gaúchos se estabeleceram na Linha Formosa, Santa Cruz do Sul, provenientes da Pomerânia, em 1881. Em 1883, foi organizada oficialmente a Primeira Igreja Batista, pela missão alemã e se estendeu por várias regiões, entre alemães e russos. As primeiras famílias adventistas que se estabeleceram no Rio Grande do Sul chegaram no ano de 1892, provenientes de Düsseldorf, Alemanha. A IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil) originou-se do trabalho iniciado em 1900 pelo Rev. C. J. Broders, missionário enviado do Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, dos Estados Unidos. Esse trabalho estabeleceu-se em muitas regiões do Estado, não demorou muito para chegar à nova região de Santa Rosa. O início do trabalho da Igreja Batista Independente (Betel), data de 1912, na Colônia Guarani, no Rio Grande do Sul, pela missão sueca e teve bom êxito em várias colônias de suecos, russos, letos e alemães.¹⁵⁴

Já a Igreja de Cristo teve sua origem em dois lugares. Uma na Colônia Guarani, na Linha Dr. Pederneiras e Linha 23 de Julho, em grupos independentes, que se reuniram nas casas para prestar culto. A outra, na Linha Machado (Novo Machado/RS), oficialmente foi organizada em 1932. A Igreja de Cristo da Colônia Guarani foi registrada em 1934 e sediada na Linha Dr. Pederneiras. Surgiram outros pontos de pregações e atendimentos, para atender famílias na região como no distrito Espírito Santo (Alegria/RS) e Ijuí, etc.

A Igreja Evangélica Congregacional foi fundada oficialmente no ano de 1942, por imigrantes alemães na linha Morengaba (Panambi) em acordo com por sete comunidades protestantes livres, espalhadas pelo Estado do Rio Grande do Sul. Sua atuação remonta desde 1937 e se estendeu para diversas localidades.¹⁵⁵

Algumas denominações ficaram mais restritas aos imigrantes alemães e seus descendentes. São elas: IECLB, IELB, IECB (Congregacionais) e Igrejas de Cristo (até a década de 1990). Enquanto Batistas, Adventistas, Metodistas foram a outros grupos étnicos pelo país adentro ainda no período da imigração.

¹⁵³ WITT, 1996, p. 136-137.

¹⁵⁴ DREHER, 1998, p. 247.

¹⁵⁵ _____, 1998, p. 247.

3. O PAPEL FUNDAMENTAL DA IGREJA NA SOCIALIZAÇÃO

3.1. Possibilitava a comunicação pela língua materna

A igreja concedeu a oportunidade para que um grupo étnico, que teve sensação de peregrino em terra estranha, pudesse ter sua identificação pela língua:

[...] a língua foi utilizada como um fator de identificação cultural [...] Um povo desalojado de sua pátria de origem por razões econômicas, onde a religião era professada de forma diferente, faz da língua o grande vínculo de identificação, por isso nessas comunidades a língua alemã era falada [...] na igreja.¹⁵⁶

Não somente nos sermões era utilizada a língua materna, mas também quando “die Schöne Deutsche Lieder”, isto é, os “belos hinos em alemão” eram cantados nos cultos, nas casas e até nas escolas, houve a identificação étnica:

*[...] a cultura [...] era disseminada através do canto, o qual visava, além do desenvolvimento da música, a formação moral e a elevação do nível cultural dos colonos. Temas como disciplina, a honra, a fidelidade, o senso modelar, entre outros, eram cantados, reforçando, com muito maior intensidade, por estarem ligados à crença religiosa [...].
Além do canto, praticado tanto nas comunidades quanto em casa, também a escola participou desse processo [...] Este modelo [...] proporcionou, seguramente, a preservação de uma herança cultural que marcou profundamente as sociedades teutas [...].¹⁵⁷*

Até os nossos dias, quando quase não há mais culto ou programações na língua alemã, observa-se que como as pessoas (especialmente as mais idosas) reagem diante de uma apresentação folclórica, humorística ou um culto em alemão. É uma reação psíquica a uma identificação cultural.

3.1.1. Culto e cultura: espiritualidade com identificação antropológica

¹⁵⁶ RADUNZ, 1994, p. 74.

¹⁵⁷ _____, 1994, p. 126.

A igreja tornou-se o centro da aculturação no novo contexto cultural. Um povo desarraigado da sua cultura e inserido num contexto totalmente estranho procura elementos antropológicos de identificação. Organizar uma igreja que contenha pelo menos alguns elementos é essencial. Foi o que aconteceu com o imigrante. Não demorou a terem seus cultos. Anita Stauffer¹⁵⁸ descreve essa aculturação. Adapta-se e transporta-se elementos da cultura ao centro da liturgia. Assim, o culto também torna-se uma expressão da cultura, em que o indivíduo se identifica. Não que tudo seja transportado, pois se tornaria uma idolatria cultural, mas alguns elementos como tipo de arquitetura, cores, mobília, vitrôs, estilo de música, instrumentos musicais, letras de cânticos, estilo litúrgico, língua, etc. de um povo local vão estar inseridos no contexto do culto que o povo identifica. O que se verifica ainda, é que o culto às vezes tem elementos interculturais, ou seja, se importa alguns elementos de outros lugares, principalmente da região de origem, bem como de contextos de regiões vizinhas. Como por exemplo, os hinos. Nossos imigrantes cantavam os mesmos hinos da sua região de origem. Por vezes também se introduzia um cântico na língua russa ou polonesa. Hoje se importa cânticos latinos, como identificação continental, ou cânticos ingleses, como identificação global. Esses elementos vez por outra causam efeitos que transportam a experiências espirituais profundas, das quais o envolvido se nutre por um bom tempo.

Stauffer também diz que o culto produz um efeito “contra-cultural”. Uma igreja local forma o corpo de Cristo local, onde cada pessoa que congrega é um membro desse corpo. O evangelho é a Boa nova de Cristo, da graça de Deus para a reconciliação dos pecadores. O evangelho está no centro do culto, sendo anunciado aos ouvintes. É Deus falando através da pregação e dos elementos do culto. As pessoas sendo confrontadas com a Palavra de Deus fazem uma leitura do mundo em que estão inseridos. Descubrem os elementos que há nele, que se constituem em “pecado”¹⁵⁹, dos quais o apóstolo Paulo diz “nem tudo convém” ao cristão praticar. Então, no culto o fiel submete elementos culturais à crítica. Alguns elementos da cultura serão negados. Acontece o rompimento através de uma autodisciplina a fim de viver uma vida santa para com Deus. E justamente isto fez uma diferença para os imigrantes. Não se entregaram à devassidão, ao alcoolismo, ao adultério, à corrupção, ao suicídio, etc. Se outras pessoas na volta se corrompiam, o fiel via por meio do culto o fim calamitoso daqueles que se “sentam na roda dos escarnecedores”.¹⁶⁰

¹⁵⁸ STAUFFER, S. Anita. *Culto: Núcleo Ecumênico y contexto cultural*. In: STAUFFER, S. Anita. *Relación entre culto y cultura*. Genebra: Federação Luterana Mundial, 2000, p. 11,12.

¹⁵⁹ STAUFFER, 2000, p. 35. Ou que tem sido infectado pelo pecado.

¹⁶⁰ A BIBLIA Sagrada, Salmos 1.

Convém ressaltar a sabedoria que a liderança de cada tradição cristã demonstrou ao organizar com a comunidade local seus cultos e estilo de ser igreja. Pelas pesquisas em atas e outros registros se percebe que nos primeiros anos a maior parte da liderança era leiga. Nos primeiros anos normalmente os cultos ainda não aconteciam em igreja construída, mas nas residências das pessoas. Líderes que se doaram com o que podiam (pois não eram formados), para alimentar a espiritualidade de um povo carente.

3.1.2. A Igreja dá sentido às festas, datas significativas e aos atos sociais:

Se o colono e sua família não tivessem o calendário com as datas especiais, principalmente o Natal, a vida teria um importante sabor a menos. Uma vez tendo a igreja organizada, com o devido lugar para comemoração, ainda que fosse apenas uma simples capela, mesmo assim seria o lugar sagrado, de mais uma imensa realização. Nessa expectativa, os dias que antecediam o evento, as famílias viviam dias em preparativos. Roupas novas eram confeccionadas, as casas eram arrumadas com um toque especial, os pátios capinados, limpados e arrumados. Um animal, especialmente tratado para esse fim, era carneado, as guloseimas (bolachas, cucas e bolos especiais) eram preparadas. Todos da família assumiam o compromisso e pegavam juntos para deixar tudo em ordem: tudo devia ter o reflexo daquela esperada alegria: *“A festa de Natal tornou-se verdadeira fonte revigorante da alma para os colonos, e tais comemorações ajudavam-nos para que se familiarizassem com terra e trabalho. Apenas incompreensão e má vontade não reconhecem isto.”*¹⁶¹

Os casamentos tiveram um efeito semelhante para os convidados. Não somente os familiares, mas os parentes mais próximos, bem como os vizinhos se envolviam vários dias nos preparativos para a festa. Para ampliação da varanda da casa ou do galpão aberto se estendia com estrutura de bambu uma tenda, cobrindo-se com folhas de coqueiros ou lona. Tudo era ornamentado e decorado com tiras e flores artificiais de papel, especialmente confeccionado para esse fim, e com flores naturais e folhas de palmeiras, etc. Ah, não se podia esquecer a carruagem que transportava os noivos. Após a chegada dos noivos do cartório e realizada a cerimônia pelo pastor, a comemoração de casamento durava o dia inteiro do sábado, indo até tarde da noite. À noite, é claro, não podiam faltar as apresentações de peças *“sérias e humorísticas caracterizando a vida na colônia, da imigração, contos de fadas*

¹⁶¹ LAEM, Ulrich. *Cinqüentenário de Panambi: 1899-1949*. Ijuí: [s.e.], 1949, p. 18.

e teatros”, etc.¹⁶² No domingo, a festa se estendia para os mais achegados, que eram convidados para retornar.¹⁶³

Desde os tempos mais remotos na imigração, todo casamento devia ser oficializado com a benção da “união em Cristo” pelo oficial, o pastor. Caso na igreja local não existisse um pastor ainda, procurava-se agendar com antecedência com um pastor que pudesse fazer a celebração, os ritos do matrimônio. Também aí era desafiador para o pastor costurar um consenso cultural com tantas variações regionais de origem. Mas parece que os pastores eram bons artífices e as famílias se viam assistidos satisfatoriamente num momento tão importante. Não encontrei nenhum registro de que tivesse algum descontentamento das famílias relacionadas a problemas culturais nas celebrações de casamentos.

3.1.3. A Igreja facilita a criação da escola: o sistema de alfabetização dos filhos:

Por motivo de “enfrentarem uma realidade de marginalidade”, nos primeiros tempos, havia muita dificuldade para educarem os filhos. Escolas inexistentes no interior, então o colono providenciou a escola para seus filhos.¹⁶⁴ As aulas aconteciam na casa de um colono, que se destacava por ter um pouco mais de instrução. Lecionava para os seus filhos e os dos vizinhos. Apenas aprenderam o “A,B,C” (ler, escrever) e fazer as contas básicas. Os pais o recompensavam. Papel, lápis, caderno e livros eram raros. Para caderno usavam a lousa preta, uma espécie de quadro negro em miniatura feito de pedra ou argila. Era frágil, colocavam moldura de madeira em volta para protegê-la. Faziam o exercício da escrita e depois se apagava.¹⁶⁵

¹⁶² LAEM, 1949, p. 18.

¹⁶³ Nos primeiros anos, a festa entre parentes próximos e vizinhança já começava no meio da semana. Como os preparativos eram feitos na casa da noiva, os mais chegados foram solicitados a auxiliar. Tudo girava em torno da expectativa, com muito humor, não se deixava os noivos em paz, se passava trotes, com muita folia. Mas tudo dentro dos limites aceitáveis para não estragar a festa. Eram dias de carnear, fritar a carne, pois era conservada submersa em banha. Salame não podia faltar, nem bolacha caseira, nem cuca. Os fornos de barro não esfriavam. Era um entrevero no pátio. Quando chovia então, o barro vermelho virava lodo. Nas sextas feiras à noite, muita comida caseira e acompanhada com música e animação. Acordeão, violão, alguns tinham também citara e violino, tocavam e cantavam. Boa parte dos alemães-russos não bailavam, por serem mais piedosos, porém não deixavam de ter suas noites humorísticas, com suas típicas canções folclóricas. Outros de outras tradições religiosas também dançavam enquanto o ambiente era animado com música.

¹⁶⁴ STRECK, Gisela I.W. *Ensino Religioso com Adolescentes: em escolas confeccionais luteranas da IECLB*. 2000. 337f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2000. Como os agricultores formavam uma classe social que, por natureza, não tinham acesso ao ensino secundário, reservado a classes sociais mais abastadas [...] longe dos grandes centros, também não tinham acesso às escolas públicas primárias. No interior, o ensino primário era escasso, sem organização e abandono pelos órgãos públicos [...]”, p. 32.

¹⁶⁵ CLAUSS, 1982, p. 88.

O imigrante compreendeu finalmente que, nas circunstâncias e situações em que fora colocado – realmente difíceis – somente poderia vencer melhorando as condições de vida das gerações vindouras através de um melhor nível cultural. Tratou, portanto, desde logo, de fundar [...] escolas, que, embora revelassem as características étnicas de sua procedência, foram construídas por sua livre e espontânea vontade.¹⁶⁶

Como os colonos, durante muito tempo, foram abandonados à própria sorte, eles construíram as suas próprias escolas. E o ensino nestas escolas, como nem poderia ser diferente, naturalmente foi desenvolvido em língua alemã que era o único idioma que eles conheciam.

Todos, mesmo os mais pobres, deveriam aprender ler, escrever e fazer cálculos. [...] davam grande valor a uma sólida formação moral e cristã de seus filhos.

[...] as colônias alemãs sempre reivindicavam escolas e estradas junto aos governos, a grande maioria delas (do primeiro período) esperou mais de um século por qualquer realização do poder público neste sentido [...] a população prosperava isolada, graças ao seu próprio esforço

[...] entre as poucas casas edificadas em pleno mato, mais uma era imediatamente erguida, em regime de mutirão, que era a escola da comunidade.

[...] um era escolhido para ser o professor que exercia seu mister com dedicação e orgulho [...] muitas vezes, não recebia seu salário em dinheiro, mas em forma de alimentos e de trabalho dos próprios pais nas terras do professor, desde o preparo para o plantio até a colheita. [...]

Tais escolas foram construídas e mantidas pelas comunidades durante décadas em que o poder público nada fez nesse sentido nas regiões de colonização alemã [...] não tivessem os imigrantes montado o seu próprio esquema de ensino, e seus filhos teriam ficado analfabetos.¹⁶⁷

Outros dados bibliográficos nos mostram como era importante a presença da Igreja e a influência que exerceu na criação de escolas e conseqüente formação dos filhos dos imigrantes nesse período do descaso dos governos:

Escola para os filhos era obrigação paterna. As igrejas monitoravam o ensino em suas paróquias, com ensino de religião e canto, importantes para a formação da criança. Nas escolas comunitárias se cultivava a germanidade por meio do uso da língua alemã, da comemoração de datas cívicas, de festas e de costumes germânicos.

O estudo complementar dos filhos (em alguns lugares) era completado com o aprendizado de alguma profissão. Católicos e evangélicos criaram a Associação dos Professores, que visava a melhorar a formação e o aperfeiçoamento dos educadores. Os livros didáticos eram importantes. O pastor Rotermund, em 1877, fundou a Editora Rotermund, que lançou milhares de livros escolares em alemão. Na segunda Guerra Mundial todo acervo da editora foi apreendido.

[...] Os alemães construíram escolas até em plena selva. Em fins de 1929, 25% de todas as escolas do Rio Grande do Sul era dirigida por alemães ou seus descendentes (937 escolas) [...] Não existia nenhuma colônia alemã sem escola, nem que fosse um professor só: o colono que tivesse mais conhecimentos encarregava-se de ensinar os demais.

[...] Foram surgindo escolas técnicas, comerciais e de administração [...], agrícolas e escolas para formar de professores.¹⁶⁸

Demorou para o governo estender a rede pública de ensino em todo território nacional. “Desde o século 20, (gradualmente) criou escolas nacionais, gratuitas, forneceu livros didáticos e pagou subsídios para professores”. Na era Vargas, houve intensa discussão por

¹⁶⁶ GARDOLINSKI, 1976, p. 61.

¹⁶⁷ RICHTER, Waldemar L., COLLISCHONN, Wolfgang H. *Nossas origens*. Cometa: Lajeado, 1994, P. 31.

¹⁶⁸ LEGE, 2001, p. 114.

setores da sociedade. No período da 2ª Guerra mundial as escolas do imigrante sofreram o revés da proibição da língua e o governo viu-se na obrigação de acelerar o processo da implantação pública do ensino.

Por ocasião da Segunda Guerra mundial, o número de escolas públicas chegou a dobrar. Nessa época foram, afastados os professores que não falavam português ou que não eram brasileiros natos.

No pós-guerra vingaram os grupos escolares, com o sistema brasileiro de ensinar. Consolidando esse ensino, hoje em dia há uma série de comunidades que incluíram o ensino da língua alemã em seu currículo escolar. A Unisinos de São Leopoldo mantém IFPLA – Instituto de Formação de Professores da Língua Alemã, que desde 1980 formou cerca de 260 professores, todos dedicados ao ensino da língua alemã. É uma importante medida para preservar a contribuição cultural teuto-brasileira.

¹⁶⁹

É óbvio, que o sistema de ensino do imigrante muitas vezes deixava a desejar. Mas se não procedesse com essa iniciativa, o percentual de analfabetismo no meio rural seria astronômico. Muitos também alimentavam uma falsa esperança de que não precisariam adaptar-se à nova pátria, à língua portuguesa e à realidade social e política brasileira. Com raras exceções, as famílias não empreenderam esforço para aprender a nova língua e se integrar no Brasil. Alienados em suas colônias, muitas vezes olhavam com desconfiança o estranho. No entanto, se o governo brasileiro tivesse investido mais cedo em escolas, ao menos os alunos teriam aprendido facilmente a língua oficial e influenciariam seus lares com o conhecimento adquirido.

Outra dificuldade encontrada foi com as constantes faltas. Nos dias de chuva, dependendo da distância, os alunos não compareciam à aula. Compreendemos tal condição pelo simples fato de não possuírem as coisas básicas como guarda chuva, botas (para barro), etc. Outro fator, que prejudicou muito, foi a necessidade de mão-de-obra que as famílias tiveram nos tempos da colheita ou plantio. Os alunos freqüentemente tiveram que faltar às aulas para ajudar em casa. Isso aumentava a repetência e conseqüente abandono das aulas.

Alguns alunos também tiveram suas dificuldades com os pais analfabetos. Estes não os incentivavam para fazerem as atividades de aula em casa. Nas dificuldades os estudantes primários não obtiveram ajuda. Verificou-se muitas reprovações e geralmente depois de 2 reprovações o aluno desistia da escola.

Em geral, porém, o que interessava aos colonos não era ver seus filhos se formarem, mas ver seus filhos aprendendo aquilo que julgavam ser necessário para o futuro na colônia. E isso conseguiam, criando as escolas com seus próprios sistemas de ensinamentos. O mesmo acontecia também a outros grupos étnicos. Imigrantes poloneses, italianos, suecos, russos,

¹⁶⁹ ROCKENBACH, 2004, p. 48.

etc., quando formavam um número expressivo em uma linha ou localidade organizavam suas comunidades, com escola para seus filhos.

Indubitavelmente o sistema não era suficiente em longo prazo. O agricultor precisaria ter uma formação e assistência técnica melhor. Igrejas buscaram respostas nos seus círculos. NO concílio realizado pela IECLB nos dias 22 a 24 de Julho de 1969, na cidade de Panambi/RS, pastores do RS e parte de SC discutiram propostas que fomentariam a ampliação do horizonte do agricultor com mais “técnicas de trabalho. Concluíram que deveria se investir na “formação” através da criação de “Escolas de Treinamento Rural” e “transformação de elementos já existentes para nova orientação”. Em suma, havia uma preocupação com a situação sócio-econômico do agricultor por parte das igrejas. E a solução apontada seria investir na formação¹⁷⁰.

3.2. A Igreja fomenta soluções:

3.2.1. Cria o cemitério para as famílias poderem enterrar seus mortos com mais dignidade:

Ter um espaço oficial reconhecido para enterrarem seus mortos em terra estranha era uma conquista fundamental para as famílias. Uma vez que a mortalidade infantil era uma constante, ter um lugar sagrado para o corpo dos entes queridos era um anseio. Pessoas idosas testemunharam a grande mortalidade infantil e o desespero dos pais em não ter um lugar organizado para os defuntos.

Karmen Kleinert Jaster, filha de imigrante, residente em Novo Machado, RS, recorda que os antigos falavam com aperto no coração quando relatavam o triste episódio de terem que enterrar os mortos em qualquer lugar. Quando ainda não tinham um cemitério escolhiam, geralmente, o poteiro e debaixo duma árvore faziam a cova bem funda, tementes de que os animais da selva achariam o corpo.

Helmut Deutsch, descendente de imigrante, residente na Linha Dr. Pedro, Santa Rosa, RS, comentou que um tio teve 16 filhos e sobreviveram somente cinco. Os demais todos morreram quando ainda eram bebês ou crianças. Ter cemitério nesse momento era fundamental. E as igrejas se importaram em organizá-los.

¹⁷⁰ AÇÃO Missionária Hoje: 1º Concílio da 3ª Região Eclesiástica da IECLB, realizada de 22 a 24 de Agosto de 1969 em Panambi – RGS. [s.l.]: [s.n.], 1969, não paginado.

[...] Não havia cemitérios públicos. Os existentes pertenciam as irmandades, paróquias ou haviam sido bentos por autoridade eclesiástica (católica). Cristãos dissidentes não podiam ser neles sepultados. Só a primeira constituição republicana, de 1891, veio a mudar a questão, quando considerou públicos os cemitérios. Por isso, no Rio Grande do Sul, resolveu-se a questão erigindo cemitério ao lado da capela.¹⁷¹

3.2.2. A Igreja influencia na criação de centros de saúde e hospitais

A grande quantidade de animais peçonhentos e insetos, moléstias e outros inconvenientes deixavam muitos enfermos e mortos. As pessoas não tiveram atendimento médico, pois esse inexistia. Uns ajudavam aos outros com o que sabiam. Seguidamente os pastores eram chamados para oração e unção com óleo aos enfermos. O povo em geral confiava em Deus quanto a sua saúde. Muitos milagres também aconteciam pelas orações.

Não se deve, porém, esquecer as grandes preocupações que os pastores tiveram quanto aos doentes. Esposas de pastores e missionários se integraram e buscaram conhecimentos em literaturas para ajudarem as famílias com seus conselhos e ações diaconais. Formavam grupos de senhoras e visitavam os doentes. As parteiras eram muito procuradas, imprescindíveis em tempos da vida na mata.

Ida Rockel, esposa de um missionário, teve três filhos na Alemanha. Em Ijuí, teve a estranha experiência de não ter médico, nem parteira para auxiliá-la no parto; pariu o quarto bebê sozinha em casa. Valeu-se de um livro sobre parto que trouxera da Alemanha. Após, nasceram mais dois bebês dessa forma. Essa realidade a comoveu tanto, pensando nas pobres mulheres do interior, onde muitas morriam por desconhecer os cuidados básicos. Resolveu ir a Blumenau fazer um curso de parteira. Depois do término, com o respectivo certificado, começou a auxiliar as mulheres. Confiava em Deus e aplicava as técnicas aprendidas. Ajudou em 32 anos a 3073 partos e ensinou o mesmo a mais 11 mulheres, das quais 10 se tornaram parteiras oficialmente reconhecidas.¹⁷²

As ações diaconais tiveram grande influência sobre as construções de hospitais e centros de atendimento de saúde. A exemplo de outras localidades no Rio Grande do Sul, os hospitais surgiram também por reivindicações das comunidades e influência dos pastores e padres. Lege escreve: *“[...] Os cristãos evangélicos construíram escolas, hospitais, lares (asilos, orfanatos, etc.), e, até mesmo, institutos de pesquisa”*.¹⁷³

¹⁷¹ DREHER, 1998, p. 26.

¹⁷² ROCKEL, Ida. *Erfahrungen und Erlebnisse Einer Hebamme*. Ijuí: [s.e], [s.d]., p. 3-5 e 24.

¹⁷³ LEGE, 2001, p. 112.

3.2.3. A igreja presente na construção de estradas

Embora a igreja não tenha tido funções administrativas sobre estradas, convém ressaltar que muitas reuniões aconteceram nas igrejas, onde se discutiu o problema das estradas e pontes. Muitas vezes a igreja estava presente em forma de mutirão abrindo e facilitando os acessos de seus membros.

O serviço de abrir estradas era caalejante. Não havia máquinas como hoje. Exigia muita força. Era braçal. Primeiro roçavam e derrubavam os vegetais, as árvores. Tiravam-na ao lado. Toquinhos, arrancavam com enxada, enxadão, picão, picareta. Tocos mais grossos eram arrancados com macacos de madeira (manual). Retirar pedras, abrir sarjetas eram executados com enxada, enxadão, picão, picareta e pás [...] Este serviço era controlado por elementos da Comissão, quando as estradas eram oficiais. Controlavam, mandavam (muitos colonos pagavam suas prestações da terra com serviços nessas estradas).

Cada família, para chegar ao seu lote rural comprado, abria sua estradinha [...] eram estreitas [...] passagem aos pedestres. Tinham como “donos” os próprios proprietários da terra por onde ela passava. Era sua atribuição de conservá-la e melhorá-la caso contrário não se poderia sair de sua casa para o bolicho, moinho. [...] aumentavam de largura [...] se tornaram carroçáveis [...].

Numa segunda fase, anos das décadas 1940/50, havia o serviço da faxina das estradas. Constituíam-se numa obrigação a cada proprietário de lote rural. Uma semana de serviço, para quem possuísse um lote rural. Duas para quem possuísse dois... Consistia em trabalhar para a conservação e melhoraria das estradas. Para isso, em cada localidade havia um “capataz de estrada”. Este convocava o pessoal, controlava o serviço e registrava os dias em que cada um trabalhou. [...] Quando alguém levava arado e junta de animais, com estes abriam sarjetas, soltavam a terra. Aí seu serviço era contado em dobro¹⁷⁴

No início os produtos eram levados em carroças puxadas por bois ou burros (ou cavalos) aos centros consumidores [...] em tropas de burros, cada burro levava fretes.¹⁷⁵

3.2.4. A Igreja ameniza o trauma da Segunda Guerra Mundial

Algumas denominações evangélicas, especialmente as que atuavam na língua alemã, tiveram estreita ligação com a Alemanha. A partir de 1933, os atritos e a perseguição nazista à Igreja Evangélica da Alemanha, tiveram seus reflexos no Brasil. Auxílios financeiros foram cortados. Durante a primeira etapa da ditadura Vargas foi promovida a política de nacionalização. Grupos étnicos alemães com seu idioma foram atingidos. Com a proibição da expressão pública na língua alemã os cultos, o ensino nas escolas comunitárias e a atuação de estrangeiros nas escolas, causou enormes dificuldades pelo fato de muitos pastores e professores serem alemães.

O uso do idioma estrangeiro passou a ser proibido nos cultos da comunidade. Isso além de impedir a maioria dos pastores de atuar, obrigava as pessoas nas comunidades a ouvirem uma língua que não entendiam. Quando o Brasil declarou

¹⁷⁴ CLAUSS, 1982, p. 53 a 55.

¹⁷⁵ ROCKENBACH, 2004, p. 22-23.

*guerra contra o Eixo, iniciou a perseguição e prisão de muitos pastores nascidos na Alemanha.*¹⁷⁶

*As medidas de repressão começaram a ocorrer: proibição de publicar jornais em alemão, proibição de falar em alemão, em lugares públicos, apreensão de livros e documentos em alemão, [...] prisões e confinamentos e fechamento das escolas particulares alemãs. Um clima de desconfiança nasce nas colônias até então pacíficas e leais. [...] Estas provocavam ódios e ressentimentos nos teuto-brasileiros.*¹⁷⁷

Essa amarga experiência promoveu algumas mudanças. Muitos se conscientizavam que o cordão umbilical com a Alemanha estava cada vez mais cortado. Em 1946, a IECLB organizou sua própria Escola de Teologia para a formação de pastores nacionais. O mesmo se seguiu pelas igrejas batistas e outras com raízes alemãs. As escolas tiveram que se adaptar ao sistema de ensino vigente no país, bem como a formação de professores nacionais.

Também nesse pós-trauma, na nova realidade, quando os imigrantes e seus descendentes tiveram seus elos bruscamente cortados com a Alemanha destruída pela guerra, nesse sentimento de abandono, a igreja exerceu o importante papel de socialização das famílias.

3.2.5. A Igreja soluciona conflitos

Como a maioria das resoluções era tomada pela diretoria das igrejas e não em Assembléia geral, não há registros a respeito delas. A maioria das igrejas, em que tive acesso a livros da organização, somente tem registros das atas das AG. Todavia, encontrei preciosos e curiosos registros da ação pastoral do campo de trabalho da Igreja de Cristo da Linha Dr. Pederneiras, que hoje compreende o município de Cândido Godói/RS. Os registros são do tempo do pastorado do Missionário Horst Krüger, que atuou no Brasil nos anos 1965 a 1985 e seu sucessor. Nesse trabalho missionário de 20 anos surgiram 15 congregações, que se estenderam por vários municípios da região de Santo Ângelo e Santa Rosa, voltado principalmente entre os imigrantes alemães e seus descendentes. E na atuação pastoral nessas comunidades perceberam-se muitos problemas vividos pelas pessoas. Como muitos conflitos eram de natureza civil e as pessoas tiveram dificuldade de acesso à justiça, o Pastor Krüger seguidamente instalou conselhos para solução de problemas.¹⁷⁸

Mencionarei somente alguns: em 25 de maio de 1982, um conselho de 14 pessoas solucionou conflitos existente entre duas pessoas, ocasionado por uma dívida (a reconciliação

¹⁷⁶DREHER, 1998, P. 261.

¹⁷⁷ SEGAT, s.d., p. 73.

¹⁷⁸ IGREJA DE CRISTO INDEPENDENTE NO BRASIL. Livro de registro de diversas reuniões. Giruá. Erklarung. 15 abr. 1987. Sem paginação.

oficial se deu em 01 de junho). Na mesma reunião foi tratado sobre um problema de divisa. Um colono construiu sua casa e galpão ultrapassando a divisa involuntariamente. Isto fora descoberto vários anos depois. O conselho conseguiu, pelo diálogo, promover uma troca de um hectare de terra no local da construção por outro hectare na outra ponta entre vizinhos, que aparentemente solucionou o problema.¹⁷⁹

Em 07 de Janeiro de 1986, sob à direção do pastor Henrique Guderian, sucessor do missionário Horst Krüger, um conselho promoveu na Vila Sete de Setembro (hoje no município de Santa Rosa/RS) a reconciliação de um homem com sua irmã, devido uma pendência de um negócio. Em acordo, o irmão pagou a importância de 15 sacas de soja e houve paz em família outra vez.¹⁸⁰ Em 30 de março de 1986 um conselho instalado para esse fim, conseguiu promover reconciliação em uma família, onde havia tido desentendimento generalizado.¹⁸¹ Já no dia 02 de setembro de 1986, instalou-se um conselho na Linha Dos Louros (hoje no município de Cândido Godói/RS) e tratou sobre problema de divisa entre vizinhança. Conseguiu promover um acordo e reconciliação.¹⁸² Em 16 de Outubro de 1986 o pastor Guderian instalou um conselho em Lajeado Maurício (hoje no município Alecrim/RS), o qual tratou de um desentendimento conseqüente de um negócio da troca de dois terneiros por uma bicicleta. O que vendeu os terneiros havia roubado uma novilha da sua mãe na noite anterior, a qual reivindicava seu direito. Em acordo, o comprador que não sabia do roubo, deu mais dinheiro e tudo ficou resolvido, feito a paz.¹⁸³ Em suma, vemos que os pastores, junto com a igreja ou por meio dela, haviam procurado promover reconciliação, paz e justiça, na comunidade.

3.3. Pela Pregação:

3.3.1. A Igreja traz esperança aos enlutados pelo culto fúnebre

A tradição do culto aos mortos foi uma das práticas fundamentais deste modelo de atendimento religioso, na qual havia todo um cerimonial necessário socialmente. Entre os primeiros colonos, era inconcebível um enterro sem acompanhamento religioso. A devoção aos entes queridos foi uma realidade cultural enraizada no sentimento destes imigrantes. Diante do absurdo da morte, havia uma necessidade de uma palavra de consolo e conforto, que de alguma forma viesse a amainar o

¹⁷⁹ _____, Ata de reunião do conselho. 25 de maio de 1982 [s.p.].

¹⁸⁰ _____, Ata de reunião do conselho. 09 de Junho de 1986 [s.p.].

¹⁸¹ _____, Ata de reunião do conselho. 30 de Março de 1986 [s.p.].

¹⁸² _____, Ata de reunião do conselho. 02 de Setembro de 1986 [s.p.].

¹⁸³ _____, Ata de reunião do conselho. 16 de Outubro de 1986 [s.p.].

*profundo pesar pela morte de alguma pessoa querida [...] o modelo de consolo, compartilhado pela comunidade na palavra do pastor. Este modelo de consolo, compartilhado no mais das vezes através do sermão fúnebre, via de regra, se baseava num texto bíblico.*¹⁸⁴

Diante do quadro da morte, quer de crianças, adultos ou idosos, e principalmente diante das mortes súbitas e trágicas, o pastor buscava uma passagem bíblica e mostrava que nada foge dos desígnios de Deus: Ele é o grande Deus de amor, que não desampara os seus queridos, pois está presente quer na vida terrena quer na vida celestial e no dia de Cristo haverá um reencontro no céu. Usavam textos Bíblicos como:

*Porque eu, o SENHOR teu Deus, te tomo pela tua mão direita; e te digo: Não temas, eu te ajudo [...] Os aflitos e necessitados buscam águas, e não há, e a sua língua se seca de sede; eu o SENHOR os ouvirei, eu, o Deus de Israel não os desampararei [...] Para que todos vejam, e saibam, e considerem, e juntamente entendam que a mão do SENHOR fez isto, e o Santo de Israel o criou.*¹⁸⁵

*Porque nenhum de nós vive para si, e nenhum morre para si. Porque, se vivemos, para o Senhor vivemos; se morrermos, para o Senhor morremos. De sorte que, ou vivamos ou morramos, somos do Senhor.*¹⁸⁶

*Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com ele. Dizemo-vos, pois, isto, pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras.*¹⁸⁷

*Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda.*¹⁸⁸

*Bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança, a provação; porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam.*¹⁸⁹

Na concepção dos evangélicos, a palavra do pastor era voz de autoridade espiritual. O sermão do pastor era a resposta bíblica, de Deus, que resultava em consolação e fortalecimento. Os enlutados entendiam que Deus estava com eles e que a vida continua. Enterrar um familiar sem um culto fúnebre era inaceitável. Nessa hora, a igreja cumpria um papel vital na existência humana!

3.3.2. Das normas morais e qualidade de vida mais tranqüila

¹⁸⁴ RADUNZ, 1994, p. 100 e 101.

¹⁸⁵ _____, 1969, Isaías 41.13,17, 20.

¹⁸⁶ _____, 1969, Romanos 14. 7,8.

¹⁸⁷ _____, 1969, 1 Tessalonicenses 4. 13-18.

¹⁸⁸ _____, 1969, 2 Timóteo 4.7 e 8.

¹⁸⁹ _____, 1969, Tiago 1.12.

Uma vez que, nos primeiros anos, policiamento não havia nas colônias, nem o código civil brasileiro era conhecido, o indivíduo poderia sentir-se livre e solto para praticar todo tipo de imoralidade, agressivo à própria vida e ao próximo. Poderia confundir liberdade com libertinagem, corrompendo-se à infâmia e agir dissolutamente. Mas a igreja era para ele como uma bússola norteadora. Os princípios divinos ensinados formavam uma consciência moral e um espírito de disciplina. Toda sociedade desfrutava dos benefícios de uma vida regrada. Práticas de violência contra o próximo e o banditismo dos nossos dias eram raros, em muitas localidades, desconhecidas.

*[...] as próprias comunidades, balizadas numa autoridade buscava na religião, estabeleceram as regras mínimas de convivência social [...] as normas de comportamento e a visão de mundo [...] a ordem estabelecida é fruto de uma prescrição divina – “Toda autoridade procede de Deus...” [...] a par de todo fundamentalismo em seus princípios, notadamente religioso, foram determinantes em tradições religiosas e sociais que perduram até hoje.*¹⁹⁰

*Quem quiser tomar parte no culto da comunidade é obrigado a portar-se como homem devoto e civilizado [...] A mente natural aceita as tradições sem discuti-las, isto é, sem perguntas que impliquem em dúvidas [...], mas receber a resposta de uma autoridade respeitada. As crianças perguntam aos pais, os pais aos sacerdotes, os sacerdotes aos livros sagrados.*¹⁹¹

*É a partir desta autoridade da pregação, [...] que representaram para o conjunto dos fiéis, o padrão de vida, as concepções filosóficas, e as normas de comportamento, [...] em certo sentido, o que não se fazia (vícios) era mais importante do que aquilo que se poderia fazer (caridade, etc.). [...] cabia ao membro (Mitglieder) desvincular-se dos prazeres da vida em direção “às coisas do alto” [...] Este modelo de pregação moralizante encontrava sua razão de ser na necessidade de se criar um mínimo comum que permitisse uma vida melhor entre os membros...*¹⁹²

*Desenvolveu-se, dentro destas comunidades, uma ética de trabalho bastante específica, influenciada e respaldada por um modelo religioso também bastante próprio [...] específico para cada caso.*¹⁹³

*Neste contexto, [...] as relações sociais foram pautadas por uma “ordem legítima” [...] uma série de requisitos aceitos socialmente, encontravam sua fundamentação nos preceitos das comunidades (igrejas). [...] a vida de um homem honrado devia estar alicerçada sobre determinados aspectos, como: estar casado religiosa e civilmente, não encontrar-se em escândalo de vida. [...] A atuação da comunidade como um todo tinha como finalidade básica estruturar, tanto a nível espiritual como material, as regras de conduta básica necessária para a convivência [...]*¹⁹⁴

O Professor Petry aponta que as observâncias morais, por parte dos colonos, resultaram em incontáveis benefícios para suas vidas:

O espírito religioso e a observância dos preceitos da moral cristã constituem, porém, não somente um dos fatores principais que animaram e encorajaram o colono a perseverar na luta quase sobre-humana contra todas as contrariedades [...], mas também o preservou de certos males que tanto enfraquecem a fibra de

¹⁹⁰ RADUNZ, 1994, p. 127.

¹⁹¹ _____, 1994, p. 108.

¹⁹² _____, 1994, p. 109.

¹⁹³ _____, 1994, p. 110.

¹⁹⁴ _____, 1994, p. 117.

*muitos homens e caso tivesse se alastrado na colônia, teriam causado incalculáveis prejuízos morais e materiais [...] desprovidos de médicos e [...] recursos.*¹⁹⁵

3.4. Primeiras Igrejas e seus primeiros pastores em Linha Machado

- Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) – fundada em 1931. O Pastor Emílio Krieser a atendeu de Santa Rosa até 1936. A partir de 1937, o Pastor Gustavo Priebe já residiu no local, bem como os sucessores.
- Igreja Batista Zoar – Fundada em 1931. Seu primeiro pastor foi Ernst Gerstenberger, durante 30 anos, seguido pelo Pastor José R. Lima (5 anos), Gerhard Rosenbaum (5 anos), Pastor Dorian Scholz (total de 10 anos), etc.
- Igreja Evangélica de Cristo – organizada em 1932 e oficialmente registrada em 1934. Seus primeiros membros eram crentes batistas e já chegaram em 1926 da colônia Guarani. Seus primeiros pastores foram: Adolfo Kaktin, Rudolf Fischer; Samuel Blenick, Ewald Gusse; Alexander Erismann.
- Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) – fundada em 1932. O primeiro pastor Herbert Wolff, durante 10 anos atendia de Ijuí e, depois de Tuparendi. Esta teve seus pastores residentes a partir de 1953, quando a paróquia de Vila Pratos foi emancipada. O primeiro Pastor residente foi Heins Dressel em 1955.
- Igreja Batista de Lageado Terêncio – Fundada em 1939. Seus primeiros membros se estabeleceram no ano de 1931. O Pastor Otto Grelbert a pastoreou por 10 anos, seguido por Phillip Scherer, Helmuth Fürstenau.^{196 e 197}

¹⁹⁵PETRY, Leopoldo. *Pátria, Imigração e Cultura – Federação dos centros Culturais 25 de Julho*. São Leopoldo: [s.e.], 1956, p. 11.

¹⁹⁶CLAUSS, 1982, p. 81 a 85.

¹⁹⁷SCHEID, Cleci Maria, PRIEBE, Gretel. *Novo Machado Conta Sua História (1918-1996)*. Novo Machado: [s.e.], [1996], p. 210, 269-291.

CONCLUSÃO

Nesta investigação descritiva resgatar a história da imigração alemã foi muito prazeroso para mim. Descobrir que as igrejas com suas ações e os pastores com seus atos poimênicos tiveram um papel fundamental na conservação dessa gente foi gratificante. Comprovei que tanto nas Igrejas oficiais como nos grupos independentes, os alemães recebiam seu pastor de fora ou, na impossibilidade, elegiam um “ancião” do seu meio. Era o homem ouvidor, conselheiro, apaziguador e líder da comunidade. Por meio deste, perceberam que a vida é mais do que estar abandonado no mato, à própria sorte.

Por meio da igreja e seus pastores as pessoas conseguiram ordenar todas as demais situações sociais. Casamentos, Bodas, festas religiosas, escolas para os filhos, cemitério para seus mortos, soluções de conflitos, mutirões de socorros aos fragilizados, e outras ações sociais a Igreja proporcionava aos seus membros.

Organizaram-se de forma que, o domingo era o dia sagrado, especial. Toda família locomovia-se para a igreja. Era dia de buscar à Deus pelas orações, adorá-lo através dos hinos, e ouvir o pastor, portador da voz de Deus através da prédica da Palavra de Deus na língua alemã. O renovo dessa espiritualidade era a força vital para meditação durante a semana e manter a consciência pura para com Deus e o próximo.

Além disso, domingo também era o dia para ver os demais amigos e “irmãos” da comunidade. Parados ou sentados em círculo no pátio da igreja, ficavam tempo conversando com os mais achegados antes e depois dos cultos. Não se importavam se chegassem mais cedo ou se saíssem bem depois do término do culto. Não importava quanto tempo passava. Aproveitavam o momento. Com isso quebravam o isolamento e mantinham os laços afetivos.

Em suma, posso afirmar que, se esses imigrantes não tivessem a Igreja ao seu lado, a sobrevivência teria sido muito pior. Para muitos, talvez, uma tragédia. O número de alcoólatras, suicídios e outras mazelas seria bem maior. A Igreja fazia o duplo papel: nutria a vida espiritual com o transcendente e auxiliava na socialização afetiva das pessoas. A

presença poimênica da Igreja e seus pastores foram fundamentais aos alemães e seus descendentes, tanto para o bem estar espiritual, quanto social e psicológico dessas pessoas.

REFERÊNCIA

AÇÃO Missionária Hoje: 1º Concílio da 3ª Região Eclesiástica da IECLB, realizada de 22 a 24 de Agosto de 1969 em Panambi – RGS. [s.l.]: [s.n.], 1969, não paginado.

ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. Petrópolis: Vozes, 1975.

ANTONACCI, Maria Antonieta. *RS: As Oposições e a Revolução de 1923*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

ARAUJO, Rubens Vidal. *Os Jesuítas dos 7 Povos*. Canoas: La Salle, 1990.

BENTO, Cláudio Moreira. *Estrangeiros e Descendentes na História Militar do RS: 1635-1870*. Porto Alegre: Gráfica Editora a Nação S.A., 1976.

Bíblia Sagrada: Edição Corrigida e Revisada – Fiel. Belo Horizonte: Sociedade Bíblica Trinitariana, 1994 e 1995.

Bíblia Sagrada: Edição Revista e Atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BIBLIOTECA VIRTUAL. *História do Rio Grande do Sul do DTG Lenço Colorado*. Disponível em: <http://www.dtglencocolorado.com.br/Biblioteca%20Virtual/historiadoriogrande.pdf> Acesso em 05 jul. 2009.

BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BORDINI, Ricardo. *Hoje na História - 17 de junho de 1773. Catarina II, czarina da Rússia...* Disponível em: <http://www.ricardoorlandini.net/Content/DetalheConteudo2.asp?cntId=1651>>. Acesso em: 5 jul. 2009.

BRAGA, Rosalvo. *Caminhos para o encontro*. Belo Horizonte: CompuNews Artes Gráficas, 1997.

BRANDT, Herman. *Espiritualidade: vivência da Graça*. 2. ed. rev. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2006.

CASTELLANOS, Sergio Ulloa. *A Igreja como comunidade de saúde integral*. In: SANTOS, Hugo N. *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral: Contribuições a partir da América Latina e Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008.

CHISTENSEN, Teresa Neumann de Souza. *História do Rio Grande do Sul em Suas Origens Missionárias*. Ijuí: Unijuí, 2001.

CALLAI, Jaeme Luiz. *Mostra Comemorativa do 83º Aniversário de Ijuí*. Ijuí: Museu Antropológico Diretor Pestana, 1973.

SCHEID, Cleci Maria, PRIEBE, Gretel. (Orgs). *Novo Machado Conta Sua História (1918-1996)*. Novo Machado: [s.e.], [1996].

CLAUSS, Romualdo J. *Evolução Histórico-Geográfico de Tucunduva*. Tucunduva: s.e., 1982.

COSTA, Rovílio, MOLON, Moacir Pedro. *Povoadores da Colônia Guarani 1891-1922*. Porto Alegre: EST, 2004.

CUNHA, Jorge Luiz (Org.). *Cultura Alemã 180 anos*. Porto Alegre: Belíngüe, 2004.

DALCIN, Ignácio. *Em Busca de uma Terra sem males*. Porto Alegre: EST; Palmarinca, 1993.

DREHER, Martin N. *Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

FLORES, Moacyr. *Cultura Sul-Riograndense*. Porto Alegre: Instituto Cultural Português, 1981.

GARDOLINSKI, Edmundo. *Escolas da Colônia Polonesa do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: UCS; [s.l.], EST, 1976.

GIORIGIS, Luiz Eniani Caminha. *O Tratado de Madri, de 1750*. Disponível em: <http://www.terra gaucha.com.br/tratdo_de_madrihtm> Acesso em: 07 jul. 2009.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado e cultura. *Povoadores da Colônia Guarani – 1891-1922*. Porto Alegre: EST, 2004.

HAETINGER, Michael. Die Koloni Jaguari, der Deutsche Ansiedler, 30:51, Jul. 1892. in: WITT, Osmar Luiz. *Igreja na migração e Colonização*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

HOCH, Lothar Carlos. *A Crise Pessoal e sua Dinâmica: Uma Abordagem a partir da psicologia Pastoral*. In: SCHEUNEMANN, Arno V.; HOCH Lothar Carlos (Orgs). *Redes de Apoio na Crise*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Associação Brasileira de Aconselhamento – ABAC, 2003.

IGREJA BATISTA PIONEIRA. Lajeado Terrêncio. Livro Ata, n. 1. Não paginado.

_____. Lajeado Terrêncio. Livro Ata, n. 2. 50 f.

IGREJA DE CRISTO INDEPENDENTE NO BRASIL. Livro de registro de reuniões. Giruá. Sem paginação.

KRÜGER, Horst. ...*Das Deine Hand Mit Mir Sei!* Achen: Missionsverlag Horst Krüger, 1994.

KURYLOWICZ, Roberto Zub. *Tierra, Trabajo y Religion – Memória de los imigrantes eslavos em el Paraguay*. Assuncion: El Lector, 2002.

LAEM, Ulrich. *Cinqüentenário de Panambí: 1899-1949*. Ijuí: [s.e.], 1949.

LEGE, Klaus Wilhelm. *A História Alemã do Brasil*. Pulicação da Câmara Brasil Alemanha: São Paulo, 2001. 7 v.

LITTMANN, Eliane Noeli. *Resgate da História de Vida do Grupo de 3ª Idade "Boa Amizade"*. 2002. 22 f. Trabalho da disciplina "Práticas Pedagógicas Alternativas" do Curso de Pedagogia da Unijuí - Campus Santa Rosa. Santa Rosa, 2002.

MICHAELSEN, Eugênio. *Memórias*. Ijuí: Manutias, 1998.

NEUMANN, Erica Marguita. *Escapando do "Paraíso" Vermelho*. Disponível em: <<http://www.mluther.org.br/Imigracao/escapando%20do%20paraíso%20vermelho.htm>>. Acesso em 05 Out. 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PRIEBE, Gretel et al. *História da localidade de Barra do Terrêncio: Novo Machado - 1931 a 2004*. 2. ed. rev. Novo Machado: [s.n.], 2004.

PRIEBE, Gretel; SCHROEDER, Nedi (Orgs.). *História da Localidade de Novo Machado*. 2. ed. rev. Novo Machado: [s.n.], 2004.

PETRY, Leopoldo. *Pátria, Imigração e Cultura – Federação dos centros Culturais 25 de Julho*. São Leopoldo: [s.e.], 1956.

RADUNZ, Roberto. *Do poder de Deus depende – Pregação religiosa e constituição de um modo de vida nas colônias alemãs da vila Germânia e Picada Ferraz (1850-1920)*, 1994. 134 f. Dissertação (mestrado em história) – Programa de Pós-graduação em História –Pontífice Universitária Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

RICHTER, Waldemar L., COLLISCHONN, Wolfgang H. *Nossas origens*. Lajeado: Cometa, 1994.

ROCKEL, Ida. *Erfahrungen und Erlebnisse Einer Hebamme*. Ijuí: [s.e.], [s.d].

ROCKENBACH, Silvio A., FLORES, Hilda A. H. *Imigração Alemã: 180 - anos história e Cultura*. Porto Alegre: CORAG, 2004.

ROLLAND, Jaques-Francis. *Historama – A Grande Aventura do Homem*. Panama: Cordex, 1972, 7 v.

- RUEDELL, José. *O Cultivo da Soja no Brasil*. 2001. p. 2. Disponível em: <<http://www.loccum.de/material/arbeit/soja/ruedell.pdf>>. Acesso em 17 out. 2009.
- SCHEID, Cleci Maria, PRIEBE, Gretel. *Novo Machado Conta Sua História (1918-1996)*. Novo Machado: [s.e.], [1996].
- SCHIPANI, Daniel S. *O Caminho da Sabedoria no Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- SEGAT, Vera Maria Mendonza. CHRISTENSEN, Teresa Neumann, SARTORI, Sonia Jane. *Pelos Caminhos de Santa Rosa*. Santa Rosa: Barcellos, [s.d.].
- STAUFFER, S. Anita. *Culto: Núcleo Ecumênico y contexto cultural*. In: STAUFFER, S. Anita. *Relación entre culto y cultura*. Genebra: Federación Luterana Mundial, 2000.
- STAWINKI, Alberto Victor. *História e Religiões das colônias Polonesas*. Porto Alegre: EST, 1981.
- STRECK, Gisela I.W. *Ensino Religioso com Adolescentes: em escolas confeccionais luteranas da IECLB*. 2000. 337f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2000.
- STRECK, Valburga S. *Famílias no Contexto da Pobreza: Uma tarefa para o Aconselhamento Pastoral*. In: BOBSIN, Oneide; ZWETSCH, Roberto (Orgs). *Prática Cristã: Novos Rumos*. São Leopoldo: Sinodal; IEPG, 1999.
- VERA, Maria Mendonza Segat, CHRISTENSEN, Teresa Neumann, SARTORI, Sonia Jane. *Pelos Caminhos de Santa Rosa*. Santa Rosa: Barcellos.
- VIKTOR, E. Frankl. *Em Busca de Sentido: Um Psicólogo em Campo de Concentração*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- YAHOO/Página inicial/Artes e Humanidades/História. *O que é ocidentalização da Rússia?* Disponível em: <<http://www.rberga.kit.net/hh/hh22.html>>. Acesso em: 5 jul. 2009.
- WACHHOLZ, Wilhelm. *Atravessem e ajudem-nos – Atuação da “Sociedade Evangélica de Barmen” e de seus obreiros e obreiras enviados ao Rio Grande do Sua (1864-1899)*. São Leopoldo: EST, 2003.
- WEIBEL, Leo. *Die Europäische Kolonization Südbrasilien*, Bonn: Ferd. Dümlers Verlag, 1955.
- WERLANG, William. *Colônia Santo Ângelo – 1857-1890*. Santa Maria: [s.n.], 1991.
- WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. *Alemães-bessarábios*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alem%C3%A3es-Bessar%C3%A1bios>>. Acesso em: 5 jul. 2009.
- WITT, Osmar Luiz. *Igreja na migração e Colonização*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.
- WOLFF, Hanna. *Jesus psicoterapeuta: o comportamento de Jesus em relação ao homem, como modelo da moderna psicoterapia*. São Paulo: Paulinas, 1988.

WUTZKE, Vilson. *Wolhynien und die Wolhyniendeutschen*. Nova Santa Rosa: Jair e Seli Lange, 2002.